

CENTRO BÍBLICO VERBO

JESUS CRISTO, O EVANGELHO DA FORÇA DE DEUS

Entendendo a carta aos Romanos



JESUS CRISTO,
O EVANGELHO DA FORÇA DE DEUS

Coleção **DO POVO PARA O POVO**

Preparada pela equipe de assessoras e assessores do Centro Bíblico Verbo

- *Da comunidade nasce a nova vida! Evangelho de João: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros – segundo volume*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros e orientações para encontros*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros e orientações para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros para encontros*
- *No amor e na ternura, a vida renasce. Oseias: roteiros e orientações para encontros*
- *Come teu pão com alegria! Entendendo o livro de Eclesiastes*
- *Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom! Entendendo o livro de Gênesis 1-11*
- *O amor jamais passará! Entendendo a primeira carta aos Coríntios*
- *Alegrai-vos sempre no Senhor! Entendendo a carta aos Filipenses*
- *Levanta-te e vai à grande cidade. Entendendo o livro de Jonas*
- *A caminhada no deserto. Entendendo o livro do Êxodo 15,22-18,27*
- *No caminho de Jesus. Entendendo o Evangelho de Marcos*
- *Caminho aberto para o próximo. Entendendo o Evangelho de Lucas*
- *Deus conosco. O Messias da justiça e da misericórdia. Entendendo o Evangelho de Mateus*
- *Permaneça no meu amor para dar muitos frutos. Entendendo o Evangelho de João*
- *Defesa da família: casa e terra – Entendendo o livro de Miqueias*
- *Para que n'Ele nossos povos tenham vida: "Anunciar o Evangelho e doar a própria vida" (1Ts 2,8). Entendendo a primeira carta aos Tessalonicenses*
- *"A Sabedoria é um espírito amigo do ser humano" (Sb 1,6): caminho para a justiça e a vida. Entendendo o livro da Sabedoria*
- *"Jesus Cristo veio na carne é de Deus" (1Jo 4,2): entendendo a primeira carta de João*
- *A Lei em favor da vida? Entendendo o livro do Deuteronômio*
- *O Evangelho de Jesus Cristo Crucificado: "É para a liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5,1). Entendendo a carta aos Gálatas*
- *Terra de Deus, terra de irmãos? Entendendo o livro de Josué*
- *Nova humanidade em Cristo: entendendo a carta aos Efésios*
- *Restauração da monarquia davídica e da terra de Israel: entendendo o livro de Ezequiel*
- *Jesus Cristo, o evangelho da força de Deus. Entendendo a carta aos Romanos*

CENTRO BÍBLICO VERBO

JESUS CRISTO, O EVANGELHO DA FORÇA DE DEUS

ENTENDENDO A CARTA AOS ROMANOS



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Centro Bíblico Verbo

Rua Fernandes Moreira, 311/315 Térreo • Chácara Santo Antônio • 04716-000 São Paulo-SP

Tel. (11) 5187-1008 • Fax (11) 5187-1009

www.cbiblicoverbo.com.br • contato@cbiblicoverbo.com.br • facebook.com/cbiblicoverbo

Autoria: *Shigeyuki Nakanose, svd, e Maria Antônia Marques*

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigerber

Coordenação editorial - Área de Bíblia

Paulo Bazaglia

Revisão

Tiago José Risi Leme, Luiza Tenuta,

Luiz Henrique Ribeiro Lima

Design

Leonardo Cerretti

Ilustrações

Sergio Ricciuto Conte

Impressão e acabamento

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Jesus Cristo, o Evangelho da força de Deus : entendendo a carta aos Romanos / Centro Bíblico Verbo. – São Paulo : Paulus, 2025.

II. (Coleção Do povo para o povo)

Bibliografia

ISBN 978-85-349-5675-8

1. Bíblia. N.T. Romanos - Crítica, interpretação, etc. 2. Jesus Cristo I. Centro Bíblico Verbo II. Série

25-1022

CDD 227.107

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia. N.T. Romanos - Crítica, interpretação, etc.

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo **PAULUS**
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS – 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5675-8

AGRADECIMENTOS

Estudar um texto bíblico é sempre uma experiência de entrar em contato com a realidade de quem escreve e de quem recebe o texto. A carta aos Romanos nos possibilita conhecer um pouco das comunidades seguidoras de Jesus Cristo em Roma. Paulo insiste no amor de Deus encarnado em Jesus Cristo como fonte de vida nova. Em meio às muitas dificuldades, o apóstolo convida as comunidades a manterem viva a esperança, “porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5,5). Ele afirma que o amor mútuo deve ser a única dívida entre irmãs e irmãos.

O processo de construção deste subsídio contou com a leitura comunitária de muitas pessoas; entre elas, destacamos as que participaram do estudo e aprofundamento dessa carta, realizado no mês de julho sob a coordenação do Centro Bíblico Verbo, e o grupo de Salvador/BA, em novembro, sob a coordenação e com o apoio das irmãs Mercedárias do Brasil.

Nossa gratidão especial a Luiz Carlos Catapan e Luiz José Dietrich, que nos auxiliaram com uma leitura atenta, correções e sugestões. Agradecemos às demais assessoras e aos assessores do Centro Bíblico Verbo: Agostinho Syukur, Antônio Carlos Frizzo, Maria Gisele Canário e Raimundo Aristide da Silva pela disponibilidade e partilha ao redor do texto.

O nosso obrigado ao ilustrador Sergio Ricciuto Conte pelas ilustrações, que ajudam na compreensão da

mensagem. Contamos também com a colaboração eficaz da secretária do Centro Bíblico Verbo, Joana Chuha, e com o apoio dos membros, funcionários e funcionárias da Congregação do Verbo Divino e da Verbo Filmes. A vocês, a nossa gratidão.

O estudo da carta aos Romanos nos desafia a uma vivência do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo e que deve ser traduzido em nossa vida prática. Somos chamadas e chamados a formar comunidades a serviço do bem comum.

APRESENTAÇÃO

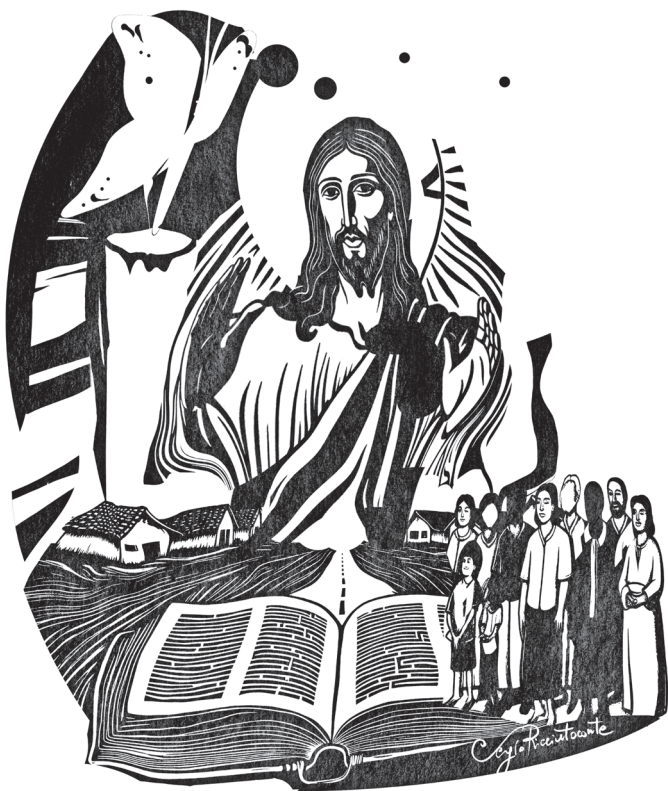
A ideia de iniciar a coleção *Do povo para o povo* brotou da necessidade de socializar, numa linguagem simples e acessível, as descobertas da pesquisa bíblica. A equipe do Centro Bíblico Verbo acredita que produzir subsídios com a colaboração de pessoas das comunidades é uma maneira de:

- Fazer com que leigos e leigas sejam agentes da própria história;
- Formar multiplicadores da Palavra na pessoa de quem participa diretamente do processo de elaboração;
- Ter um texto produzido a partir da experiência do povo.

O projeto tem como objetivo produzir, junto com as assessoras e os assessores do Centro Bíblico Verbo e as comunidades, textos que sirvam de reflexão em encontros ou cursos bíblicos, oferecendo às pessoas e comunidades um roteiro simples e com fundamentação bíblica para temas importantes na pastoral, por exemplo: páscoa, religiosidade popular, como ler a Bíblia, entre outros.

Os textos da coleção *Do povo para o povo* apresentam uma exegese voltada para a libertação das pessoas e dos grupos oprimidos, baseando-se sempre nos textos bíblicos. A responsabilidade do conteúdo da coleção fica a cargo da equipe do Centro Bíblico Verbo, e sua publicação a cargo da PAULUS Editora.

INTRODUÇÃO À CARTA AOS ROMANOS



Paulo descreve o motivo de sua visita à comunidade cristã de Roma:

Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para o evangelho de Deus. Por meio dele [Jesus Cristo nosso Senhor] é que recebemos a graça e o apostolado, para conduzir, pelo seu nome, todas as nações à obediência da fé. Entre elas estão também vocês, chamados por Jesus Cristo. A todos vocês que se encontram em Roma, amados por Deus e santos por vocação: graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo (1,1.5-7).¹

A intenção de Paulo é visitar Roma e obter o apoio da comunidade para chegar à Espanha, para levar o evangelho (boa notícia; boas-novas) de Jesus Cristo a todos os povos (1,1-17; 15,14-33; cf. Gl 1,16). Preparando sua estada em Roma, Paulo escreve a carta aos Romanos durante sua permanência de três meses em Corinto, pouco antes de sua partida para Jerusalém em 57/58 d.C., concluindo sua terceira viagem missionária (52-57 d.C.; cf. At 18,18-21,16). A carta tem os seguintes objetivos principais:

- a) A comunidade de Roma não foi fundada por Paulo nem havia sido visitada por ele. Por isso, a necessidade de estabelecer um laço prévio, apresentando-se com suas credenciais: servo, apóstolo e escolhido (1,1); Paulo, servo missionário e profeta de Jesus Cristo, o Messias Servo (Fl 2,6-11; cf. Is 42,1-9). Ele deseja anunciar e explicar, no mundo do Império, o evangelho de Jesus Cristo

¹ IMPORTANTE: nas citações em que não estiver indicado o livro bíblico, trata-se da carta aos Romanos. Os textos foram extraídos da Nova Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2015.

morto e ressuscitado (3,25; 4,25), que é força de salvação para todo aquele que crê na justiça e no amor de Deus (1,8-17; 15,17-21; cf. 1Cor 1,17-25). Trata-se de um evangelho oposto ao evangelho do imperador romano, em função do poder e da riqueza (*Pax Romana*), e ao evangelho do judaísmo legalista, que prega a boa-nova da salvação pela observância fundamentalista da Lei (circuncisão, leis alimentares etc.).

- b) Naquele momento de sua vida missionária, Paulo, ex-fariseu, é odiado pelo judaísmo legalista. Ele enfrenta a discordância e a desconfiança da comunidade-mãe de Jerusalém. Recentemente, na carta aos Gálatas, Paulo havia criticado fortemente o grupo judaizante, que procurava impor aos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo (cristãos)² o modo de viver dos judeus segundo a Lei, a cultura e os costumes judaicos. Isso provocou a reação do grupo judaizante (incluindo gentios tementes a Deus e prosélitos pró-judeus) de Roma (3,8), que ainda são marcados pelas “obras da Lei” para alcançar a amizade, a graça, a justiça e a salvação de Deus. Paulo deve esclarecer seu evangelho (“o meu evangelho”; 2,16; 16,25) e sua prática teológico-pastoral, salientando a salvação de Deus pela fé em Jesus Cristo, com a prática do amor ao próximo (12,3-21).
- c) Paulo visita muitas cidades sob a dominação do Império e é testemunha ocular da vida sofrida do povo (1,18-2,16; 8,18-27). Ele pretende dialogar e orientar a vida cotidiana da comunidade

² No período de Paulo e dos evangelhos sinóticos ainda não existia o cristianismo como o conhecemos hoje. Porém, havia um movimento de seguidores e seguidoras de Jesus Cristo dentro do judaísmo.

de Roma, que vive sob o poderio romano e seu espírito egoísta (pecado, carne), conforme a mentalidade greco-romana, e a helenização (busca desenfreada por bens, poder, prazer e honra), que provoca conflito interno (a disputa por cargos etc.; 12,3-13) e leva à exclusão, ao sofrimento de muitos e à destruição da natureza provocada pelas guerras e pelo progresso da civilização romana. No Império, Nero, imperador tirano, governou entre 54 e 68 d.C. de forma cruel e exploradora, provocando a turbulência e a decadência desse período da história de Roma, o que transparece nos gemidos da criação e dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo (8,22-23).

Para alcançar seus objetivos e ser bem recebido na comunidade de Roma, Paulo escreve a carta (Rm) de modo sereno, sistemático e explicativo, contrastando com o tom polêmico usado na carta aos Gálatas (Gl 3,1-5). A carta aos Romanos é levada à cidade de Roma, possivelmente pela diaconisa Febe (16,1-2), uma das muitas mulheres colaboradoras de Paulo (16,3-15). Pessoalmente, Paulo só chegará lá mais tarde como prisioneiro, em 61 d.C. (At 28,11-16).

Conhecendo a comunidade cristã de Roma

No século I, a população de Roma, capital imperial, é calculada em um milhão de habitantes, em sua maioria escravos que vivem subjugados e explorados pelo poderio do Império. A vida deles normalmente é muito breve, com grande incidência de suicídios, e a expectativa não vai muito além dos vinte anos. É uma sociedade escravagista, marcada pelo espírito da helenização e justificada pelo evangelho (religião) do imperador. A carta aos Romanos

registra a presença de várias pessoas de origem não livre, ainda escravizadas ou libertas, nas diversas comunidades localizadas na periferia da capital (16,1-16).

A comunidade cristã de Roma não é fruto de atividades missionárias de algum apóstolo importante, como Pedro, por exemplo; ela surgiu com a chegada de judeu-cristãos vindos da Palestina e da Síria, na década de 40 d.C. A presença dos cristãos, que pregavam Jesus como o messias esperado, tinha dado lugar a severas discussões e tumultos nas comunidades judaicas de cerca de 20.000 judeus, espalhados em mais de dez sinagogas na cidade de Roma. Diante desses conflitos, o imperador Cláudio decretou o edito contra sinagogas e indivíduos responsáveis pelos distúrbios (de um lado, judeus, e, do outro, judeu-cristãos), que chegaram a ser expulsos de Roma nos anos 40 d.C. O casal judeu-cristão Priscila e Áquila, vítima dessa expulsão, deve ter informado Paulo sobre a situação da comunidade cristã de Roma e a situação da cidade (At 18,1-4; cf. Rm 16,3-5).

A proibição da autoridade romana de reunirem-se nas sinagogas levou os judeu-cristãos e os gentio-cristãos (chamados “gregos”; 1,16; 2,9-10; 3,9; 10,12) a intensificar as reuniões nas casas de seus membros – a igreja doméstica (16,4-5.10-11). Mais tarde, quando o edito de restrições contra os judeus foi revogado sob Nero, os judeu-cristãos retornaram a Roma e encontraram comunidades com a presença predominante de cristãos não judeus, que se julgavam livres da observância de práticas judaicas (as leis de pureza alimentar etc.). Daí, surgiram problemas e conflitos internos (14,1-15,13) devido à convivência do grupo conservador (“fracos”), composto por judeu-cristãos e não judeus tementes ao Deus pró-judeus, com o grupo progressista de judeu-cristãos, como Paulo, e gentio-cristãos (“fortes”), que não impunha a circuncisão nem os tabus alimentares judaicos.

Além do conflito interno, no tempo de Nero, a comunidade sofre ainda mais com a sociedade injusta e desigual, movida pelos instintos egoístas que promovem a maldade, a perversidade e o culto aos ídolos do Império (1,24-32), provocando o sofrimento e a morte de muitos, bem como a destruição da natureza, obra (glória) do Deus criador (8,18).

Diante dos problemas internos e externos da comunidade, Paulo escreve a carta aos Romanos para dialogar e orientar a comunidade sobre a fé no caminho do justo segundo o evangelho de Jesus Cristo: “De fato, no evangelho a justiça de Deus se revela através da fé e para a fé, conforme está escrito: ‘O justo viverá pela fé’” (1,17).

Conhecendo as mensagens teológico-pastorais da carta

A carta aos Romanos contém muitos dos temas teológico-pastorais tratados nas constantes discussões entre judeus, judeu-cristãos e gentio-cristãos sobre os conflitos dentro e fora da comunidade, no mundo injusto e desigual do império romano. Eis aqui as principais mensagens expostas pela carta após a introdução geral (1,1-17), na qual Paulo anuncia o tema central da carta: o evangelho de Jesus Cristo “é força de Deus para a salvação” (1,16):

- a) Todos estão sob a ira (julgamento) de Deus (1,18-3,20): Paulo começa com a descrição da realidade da condição dos gregos e dos judeus. A ira de Deus se manifesta contrária à impiedade contra Deus e à injustiça com os seres humanos, praticadas pelos gregos sob o Império (1,18-32), e também é contra a atitude hipócrita dos judeus por não praticarem a Lei e imporem o jugo da Lei a todos das comunidades de seguidores e seguidoras de

- Jesus Cristo (2,1-29): “Tanto os judeus quanto os gregos, todos estão debaixo do pecado” (3,9).
- b) A justiça divina (salvação) pela fé como o exemplo de Abraão (3,21-4,25): Pela fé na “redenção realizada por Jesus Cristo”, a graça de Deus e o seu amor gratuito em ação na história (3,24-26), os judeus e os gregos podem integrar-se no projeto divino (separar-se do pecado, da autossuficiência e da injustiça), praticando a justiça e a piedade a Deus, e podem passar da ira de Deus à sua justiça salvadora: “A justiça de Deus que vem por meio da fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que acreditam” (3,22).
- c) A graça da justificação em Jesus Cristo (a justificação: tornar-se justo e salvo ou ter amizade e paz com Deus; 5,1-7,25): A salvação de Deus se realiza pela fé na sua graça manifestada em Jesus Cristo morto e ressuscitado (“novo Adão”), e não pelo poderio do Império (o sistema opressivo: “tribulações”) nem pelas obras da Lei do judaísmo legalista (a justiça retributiva pela observância de um código moral e ritual). Ou seja, a pessoa batizada (“servos da justiça”; 6,18) em nome de Jesus Cristo Servo Sofredor (6,1-4; cf. 4,24-25; 5,12-21; Is 42,1-9; 52,13-53,12) justifica a vida pela fé ativa traduzida em obras de amor fraterno com “armas de justiça” (6,13) de Jesus Cristo, condenando o sistema opressivo, livrando-se da escravidão da carne (“lei do pecado”; 7,25), como “armas de injustiça” (6,5-23), e assegurando a paz com o Deus da vida: “Portanto, tendo sido justificados pela fé, estamos em paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (5,1).
- d) A vida no Espírito (8,1-39): O capítulo 8 é o ponto máximo da carta e se encontra bem no centro.

Contrastando com a vida na carne (“lei do pecado e da morte”: instintos egoístas, o espírito da heleenização; 8,2; cf. 7,14-25), a pessoa cristã deve viver no Espírito (a “lei do Espírito da vida”: o amor, o caminho da vida; 8,1; cf. 5,5) de Jesus Cristo, que lutou pela vida, morreu pelo amor ao próximo e foi ressuscitado para a vida, passando dos instintos egoístas para a gratuidade da salvação de Deus. Paulo, um apocalíptico, que pressente a vitória (amor, glória) de Deus sobre o mal (pecado, morte), descreve os gemidos de quem vive no Espírito, com a esperança pela libertação e pela vida como parto do mundo novo, cantando o amor salvador de Deus: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (8,35).

- e) O universalismo do plano salvífico diante da salvação restrita a Israel, o povo judeu (9,1-11,36): Não há distinção entre judeus e gregos (não judeus) na salvação gratuita (a graça) de Deus por Jesus Cristo. A salvação não é questão de cultura e lei judaica, mas sim da fé no caminho (evangelho: 10,16; 11,28; Is 52,7) de Jesus Cristo morto e ressuscitado. O fato de os seguidores e as seguidoras de Jesus Cristo serem de etnias, gêneros, classes e culturas diferentes não é fator de desunião e conflito, mas de solidariedade e enriquecimento mútuo: “Portanto, não há distinção entre judeu e grego, porque Jesus é Senhor de todos, e concede suas riquezas a todos os que o invocam” (10,12; cf. 1Cor 12,13; Gl 3,28).
- f) O amor dentro e fora da comunidade (12,1-13,14): a pessoa que reconhece a vida (corpo) como a graça de Deus, o seu amor gratuito em ação, descobre a gratuidade para com os outros; forma a comunidade como um só corpo em Cristo; reparte

os dons concedidos por Deus a serviço do bem comum; pratica o amor ao próximo, sobretudo para quem tem sede e fome; submete-se (respeita) à autoridade que está a serviço do amor de Deus e do bem comum: “O amor não faz nenhum mal ao próximo, pois o amor é o cumprimento total da Lei” (13,10).

- g) A convivência e a fraternidade na comunidade (14,1-15,13): os “fortes” e os “fracos” convivem no amor de Jesus Cristo, acolhendo as diferenças e construindo o Reino de Deus: “Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida [em torno da lei alimentar etc.], e sim justiça, paz e alegria no Espírito Santo. Quem serve a Cristo nessas coisas, agrada a Deus e tem a estima das pessoas” (14,17-18); “Por isso, acolham-se uns aos outros, como Cristo acolheu vocês para a glória de Deus” (15,7).

Uma proposta de leitura da carta aos Romanos

Nesta carta, Paulo reúne seus principais ensinamentos já apresentados em outros escritos. Ele, apóstolo e profeta, escreve para comunidades que estavam enfrentando vários conflitos internos e externos no mundo injusto e desigual do império romano. Embora a carta tenha sido escrita para um contexto específico, ela continua ensinando a todas as pessoas e nos desafiando em nossa vivência cristã.

Tendo presente algumas de suas mensagens, elaboramos um subsídio com trechos selecionados para nos ajudar a colocar os pés e a cabeça nas comunidades cristãs de Roma e também atualizar as palavras de Paulo, trazendo-as para o contexto das comunidades de hoje. De certeza, no caminho encontraremos preciosos ensinamentos. Eis a nossa proposta:

Primeiro encontro: O evangelho de Jesus Cristo morto e ressuscitado (1,8-17). Com Paulo, vamos louvar e agradecer a Deus pela fé da comunidade de Roma e de todas as nossas comunidades cristãs. O evangelho de Jesus Cristo é força salvadora de Deus e continua sendo boa-nova para todas as pessoas oprimidas. Que possamos acolher em dom em nossa vida e missão.

Segundo encontro: O amor e a vida fraterna dentro e fora da comunidade cristã (12,3-21). Enfatizando que a comunidade cristã forma um só corpo em Cristo, o texto insiste na importância de estarmos disponíveis para o serviço do bem comum. As recomendações de Paulo insistem na vivência do amor dentro e fora da comunidade. A prática do amor ao próximo, a fraternidade e a solidariedade são características da comunidade cristã.

Terceiro encontro: A autoridade a serviço do Deus da vida (13,1-7). Uma reflexão sobre a origem do poder da autoridade. A autoridade constituída por Deus deve julgar segundo o direito e a justiça em vista do bem comum. Trata-se de uma crítica indireta às autoridades que usam o poder de maneira tirana e cruel e também uma revisão de como usamos a nossa autoridade.

Quarto encontro: Os gemidos, o Espírito, a esperança e o mundo novo (8,18-27). A humanidade e a natureza continuam com seus muitos gemidos. Vemos aumentar a insegurança, o medo, a violência e a ganância do ser humano. Queremos rezar a esperança, acreditar na presença de Deus conduzindo a nossa história e fortalecendo a nossa caminhada em busca de uma sociedade justa, fraterna e solidária. Que o Espírito possa reavivar em nós a Esperança.

Quinto encontro: Nada nos separará do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo (8,31-39). Cresce no mundo a onda de racismo, de ódio sistêmico contra as minorias: população em situação de rua, negros, ciganos, indígenas

e a comunidade LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais etc.). Como pessoas cristãs, nosso desafio é viver, indistintamente, o amor ao próximo; para isso, é necessário sempre reviver a experiência do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo.

A realização desse caminho de oração e estudo a partir da carta de Paulo aos romanos nos oferecerá algumas chaves para ler e entender esse texto. Paulo foi capaz de dar uma resposta aos desafios do seu tempo. Agora é conosco! Que o amor de Deus “derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5,5) possa gerar frutos de vida nova em nossa vivência cristã.

Lembretes para as reuniões

Eis aqui algumas sugestões práticas para a realização dos encontros:

- Preparar bem o local do encontro; é importante que aconteça nas casas dos participantes, pois será uma forma de reviver o espírito missionário das primeiras comunidades.
- Verificar a necessidade de providenciar, anteriormente, algum material para o encontro.
- A coordenadora, ou o coordenador, em todos os encontros, deve fazer uma acolhida carinhosa, dando especial atenção às pessoas que participam pela primeira vez.
- Se o encontro for numa casa, agradecer à família que acolhe o grupo.
- Motivar as pessoas a trazer sempre a Bíblia.
- Não é necessário responder a todas as perguntas que são apresentadas no roteiro.
- Ver o DVD *Chaves para entender a carta aos Romanos*, Centro Bíblico Verbo e Verbo Filmes.

PRIMEIRO ENCONTRO



TEMA: O evangelho de Jesus Cristo morto e ressuscitado.

PERSONAGENS: Paulo e a comunidade cristã de Roma.

TEXTO: Rm 1,8-17.

PALAVRAS-CHAVE: graças, fé, evangelho, orações, visitar, força de Deus, judeu, grego.

PERSPECTIVA: Compreender que o evangelho de Jesus Cristo morto e ressuscitado continua sendo uma boa-nova para todas as pessoas oprimidas.

“Eu não me envergonho do evangelho, pois ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (1,16).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro do encontro uma Bíblia aberta, uma vela acesa, tiras de papel, grampeador ou dux, uma cruz e flores.
- Fazer um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nossa caminhada fazendo memória da presença da Trindade entre nós. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: Boas-vindas a todas e a todos. O mês de setembro é um período no qual damos destaque especial para a Palavra de Deus em nossa vida. Neste ano, temos como proposta estudar e rezar a partir da carta de Paulo à comunidade de Roma. Nós queremos acolher os ensinamentos como se essa carta fosse escrita para nós. Iniciando esta caminhada, podemos dizer nosso nome e quais anseios, preocupações, dores e sofrimentos trazemos em nosso coração para esses encontros. *(Tempo para partilhar.)*

Dirigente: Vamos concluir este momento, cantando:

Quando o Espírito de Deus soprou, o mundo inteiro se iluminou. A esperança na terra brotou e um povo novo deu-se as mãos e caminhou!

Lutar e crer, vencer a dor, louvar ao Criador. Justiça e paz hão de reinar e viva o amor!

Nosso poder está na união. O mundo novo vem de Deus e dos irmãos. Vamos lutando contra a divisão e preparando a festa da libertação.

Dirigente: Em voz alta, vamos dizer o tema desse encontro: *O evangelho de Jesus Cristo morto e ressuscitado.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Uma catástrofe traz um imenso sofrimento para muitas pessoas. Algumas perdem tudo e nem sabem por onde recomeçar. Em 2023, as enchentes destruíram muitas cidades do Rio Grande do Sul. E como se não bastasse, o sofrimento do povo é agravado por notícias falsas, perfis *fakes* e golpes on-line, que atrapalham o trabalho das equipes de salvamento. No mundo da religião não é diferente. Alguns religiosos espalham mensagens falsas em nome de Jesus Cristo. O Ministério Público Federal (MPF) denunciou o padre Paulo Santos por intolerância religiosa após ele associar a tragédia do Rio Grande do Sul à bruxaria e ao satanismo.³ O religioso ainda afirmou que o estado é o mais ateu do país.

Dirigente: A nossa missão é anunciar uma boa-nova de vida, em especial para os pobres e necessitados, tendo como modelo Jesus Cristo morto e ressuscitado, e sua entrega por amor. Nossa sociedade é doente e adoecedora. Basta ver a quantidade de farmácias e de remédios que consumimos, a variedade de cultos e rituais para enfrentar as doenças que existem em nossas cidades. Dores, doenças, intolerâncias, câncer, depressão, medos, insegurança estão presentes em praticamente todos os lares. Qual o evangelho que vivemos e pregamos no mundo no qual estamos inseridos? *(Tempo para conversar. Encerrar este momento com o refrão de um cântico escolhido pelo grupo.)*

³ ARRUDA, Cristiano. 'O Rio Grande do Sul há muito tempo abraçou a bruxaria e o satanismo', diz padre sobre tragédia gaúcha durante missa em MS. *G1*, 21 mai. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2024/05/21/rio-grande-sul-ha-muito-tempo-abracou-a-bruxaria-e-o-satanismo-diz-padre-sobre-tragedia-gaucha-durante-missa-em-ms.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2025.

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: Preparando a visita à comunidade cristã de Roma, Paulo envia-lhes uma carta (Rm), na qual explica cuidadosamente o evangelho de Jesus Cristo e sua prática como judeu seguidor de Jesus de Nazaré. Paulo havia sido informado que os cristãos de Roma tinham dificuldades com o evangelho que ele pregava (“meu evangelho”; 2,16; 16,25). Nessa comunidade, há pessoas que são influenciadas pelo evangelho do imperador romano com o espírito da helenização (a busca desenfreada por bens, poder, prazer e honra); outras, marcadas pelo evangelho do judaísmo oficial, que prega a obtenção da salvação pela observância fundamentalista da lei da pureza. Em Rm 1,8-17, Paulo manifesta seu anseio de visitar a comunidade de Roma e anuncia o evangelho de Jesus Cristo crucificado.

5. Leitura do texto

Dirigente: Que o Espírito de Deus ilumine a nossa mente e a nossa vontade para entendermos e praticarmos a Palavra de Deus em nosso cotidiano. Cantemos:

Tua Palavra é! Luz do meu caminho! Luz do meu caminho, meu Deus! Tua Palavra é!

Tua Palavra está nas ondas do mar! Tua Palavra está no sol a brilhar!

Leitora ou leitor 3: (Ler Rm 1,8-17.)

Dirigente: (Para conversar.)

- a) O que mais chamou a nossa atenção no texto?
- b) “Porque eu não me envergonho do evangelho de Jesus Cristo.” O que isso significa para Paulo em sua vida prática?

- c) Paulo pensa que a fé deve ser ativa e traduzir-se em obra (1Ts 1,3). Nesse pensamento, o que significa a declaração de Paulo: “O Justo viverá pela fé”?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: O desejo missionário de Paulo é sempre ampliar as fronteiras geográficas; ele quer ir para a Espanha, mas quer o apoio da comunidade de Roma. Foi um missionário que acreditou que o evangelho de Jesus Cristo é para todas as pessoas, independentemente de etnia, classe social ou gênero.

- a) Como a nossa comunidade realiza a sua ação missionária?
- b) Qual o evangelho que praticamos e pregamos hoje?
- c) “Colher algum fruto” significa uma coleta em favor dos pobres. O que isso significa para nós, hoje?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Façamos uma ação de graças pela fé que há em nossa comunidade, por todo o empenho pessoal e comunitário realizado para diminuir as dores e os sofrimentos das pessoas de nossa comunidade e de nossa cidade. Que o Deus da vida nos dê a graça de fortalecer a nossa vivência do evangelho e reavivar o nosso fervor. Nesse momento, cada pessoa poderá pegar uma tira de papel e pensar: “como o evangelho é força de Deus na minha vida?” E com essa força, vamos construir uma corrente, simbolizando nossa ação de graças e, ao mesmo tempo, nosso compromisso com a construção do Reino de Deus.

Dirigente: Com essa corrente em mãos, peçamos a Deus e a Jesus Cristo que fortaleçam a nossa fé e a nossa adesão ao projeto do Reino de Deus. Juntos, rezemos o pai-nosso (*o grupo pode acrescentar outras orações*).

Todas/os: Pai nosso...

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, leiam Rm 12,3-21, e, quem puder, leia as orientações em preparação para o segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima. Cada pessoa deverá trazer um objeto que represente o seu serviço à comunidade. (*Guardar a corrente para ser usada no quinto encontro.*)

9. Gesto concreto

Dirigente: Até o próximo encontro, vamos estar atentos para observar como estamos vivendo o evangelho, especialmente junto às pessoas que sofrem e têm dores em nossa comunidade, e o que precisamos mudar em nossa vida prática pessoal e comunitária. Se possível, convidem outras pessoas para participar da comunidade.

10. Bênção final

Dirigente: O “evangelho é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (1,16). Que Deus Pai nos abençoe e nos dê a capacidade de vivenciarmos de modo coerente o evangelho de Jesus Cristo crucificado em nosso dia a dia.

Todas/os: Amém.

Orientações para o primeiro encontro

Situando o texto: *O evangelho de Jesus Cristo morto e ressuscitado*

Entre junho e dezembro de 63 a.C., Pompeu, general do império romano, conquista Jerusalém. O povo judeu, impotente às ordens humilhantes de mais uma nação estrangeira, submete-se. O novo dominador chega para devastar as terras conquistadas, semeando violência, fome, sofrimento e abandono. O livro do Apocalipse descreve a devastação da terra por onde o império romano passa, domina e explora:

E eu vi aparecer um cavalo esverdeado. Quem estava montado nele tinha o nome de Morte, e a Morada dos Mortos o acompanhava. Eles receberam autoridade sobre a quarta parte da terra, para poderem matar pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra (Ap 6,8).

A dominação e a devastação acontecem não somente no campo dos tributos, do comércio (moedas) e da guerra, mas também no campo cultural e religioso. O termo “evangelho” (*euangelion*, em grego), por exemplo, era usado na propaganda e no culto ao imperador romano. Os arautos, funcionários encarregados de divulgar os decretos, as campanhas, as vitórias e os avanços do Império, partem de Roma para todas as principais cidades e, quando lá chegam, iniciam o seu anúncio com as palavras: “Boa-nova de César, filho de Deus, ao povo da cidade”, pois acredita-se que o imperador romano é quem estabelece na terra a paz e a salvação (*Pax Romana*).

Com uma boa infraestrutura (exército, estradas, correio, hospedarias, administração da cidade etc.), o Império

propaga o seu evangelho nas celebrações públicas com muita pompa, para agitar, atrair, influenciar e controlar o povo. O evangelho do imperador com o seu exército é uma das “armas poderosas” para impor e legitimar o poder e a dominação do Império, oprimindo e explorando os camponeses, que constituíam 90% ou mais da população da Palestina. Era comum presenciar famílias inteiras sendo vendidas como escravas por causa de dívidas.

Em Jerusalém, os líderes religiosos (saduceus, anções e escribas), com o Sinédrio e o Templo, também exploram e dominam o povo. Eles praticam até extorsão e ladroerias, transformando o Templo num “covil de ladrões” (Mc 11,17). Um dos meios para controlar o povo é a propagação do evangelho (boas-novas da salvação) pela realização de certos ritos cultuais no Templo (sacrifícios de expiação) e pela observância das leis (sábado, circuncisão, lei da pureza etc.), submetendo o povo ao jugo do código da pureza para ser justo e puro diante do Deus poderoso e castigador do Templo. Os vários rituais de purificação exigem a entrega de ofertas e a realização do sacrifício, enriquecendo o Templo.

A exigência de ofertas é justificada e sustentada pela teologia da retribuição. Nela, a pessoa justa é quem observa a lei da pureza, pagando os dízimos e oferecendo os sacrifícios. Em troca, o Senhor Deus do Templo abençoa a pessoa justa com riqueza, saúde, vida longa e descendência, mas castiga a pessoa injusta com pobreza, doença e sofrimento (Dt 28). Os pobres judeus são castigados, rejeitados e abandonados duplamente em nome do evangelho do imperador e do evangelho do Sinédrio.

Nesse mundo sofrido dos pobres da Galileia, uma região muito explorada e castigada pelo império romano, desprezada pela liderança religiosa de Jerusalém, Jesus de Nazaré prega as “bem-aventuranças”, que é uma releitura do evangelho (boa notícia) do Terceiro Isaías

(Is 56-66), que proclamou a boa notícia da libertação e da restauração da vida, destinada aos pobres (Is 61,1):

Elevando os olhos para seus discípulos, Jesus dizia: “Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus. Felizes vocês, que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes vocês, que agora choram, porque hão de sorrir. Felizes são vocês, quando as pessoas os odeiam, os rejeitam, os insultam e amaldiçoam o nome de vocês por causa do Filho do Homem. Alegrem-se nesse dia e exultem, porque é grande a recompensa de vocês no céu. Pois era assim que os pais deles tratavam os profetas” (Lc 6,20-23).

Na prática, a mensagem das “bem-aventuranças” (evangelho) de Jesus é o resumo de toda a atividade dele: construir o reino da justiça e da solidariedade, a partir dos pobres que estão abertos à partilha e à fraternidade. Ao mesmo tempo, o evangelho de Jesus, o projeto do Deus da vida (cf. Is 65,17-25), o leva à cruz e à morte: “Abba, Pai! Para ti tudo é possível. Afasta de mim este cálice. Porém, não o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc 14,36). A morte de Jesus é consequência de uma vida levada ao extremo. A cruz é o resultado da sua fidelidade ao projeto do Pai e ao compromisso com seus irmãos e suas irmãs, compromisso que ele manteve até o fim.

Por volta do ano 35 d.C., Paulo, um judeu, é convertido ao movimento de Jesus Messias. Ele anuncia o evangelho de Jesus Cristo: “E como o anunciarão, se não forem enviados? Como está escrito: ‘Como são belos os pés dos que anunciam boas notícias!’ Mas nem todos obedeceram ao evangelho. De fato, Isaías diz: ‘Senhor, quem acreditou em nosso anúncio?’ Portanto, a fé vem daquilo que ouvimos, e o que ouvimos vem por meio da palavra de Cristo” (10,15-17).

Paulo adapta o texto de Is 52,7, escrito pelo grupo do Segundo Isaías (Is 40-55), que exerceu suas atividades entre os desterrados na Babilônia por volta do ano 540 a.C. O evangelho do Segundo Isaías assegura a todos a vida por meio da partilha e da solidariedade (cf. Is 55,1-3), o que Paulo anuncia como “boa notícia” ao longo da sua atividade missionária. Por sinal, o termo “evangelho” aparece como marca registrada de Paulo nos seus escritos. Das 76 vezes nas quais o termo “evangelho” é empregado no Novo Testamento, 48 encontram-se nas cartas “genuinamente consideradas” como as de Paulo (Rm, 1 e 2Cor, Gl, Fl, 1Ts, Fm).

É notável também que o evangelho anunciado de Paulo é marcado pela cruz de Jesus Cristo:

Os judeus pedem sinais e os gregos buscam sabedoria, ao passo que nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações. No entanto, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois a loucura de Deus é mais sábia que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens (1Cor 1,22-25).

A cruz de Jesus Cristo é “escândalo para os judeus”, porque eles consideram a crucificação como o castigo e a maldição de Deus (Dt 21,23; Gl 3,13). Para as nações (gregos e romanos), a cruz é “loucura” por ser aplicada para os criminosos. Porém, para Paulo, a cruz de Jesus Cristo por causa da prática do amor ao próximo é a maior manifestação do poder, da sabedoria e do amor de Deus. A mensagem da salvação pela morte e ressurreição de Jesus Cristo crucificado constitui a base da evangelização e da catequese de Paulo: “Por meio do batismo na sua morte, fomos sepultados junto com ele, para que, assim

como Cristo foi ressuscitado dos mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova” (6,4).

Com o evangelho de Jesus morto pelo Império e ressuscitado contra o Império, Paulo incansavelmente desempenha a missão no meio dos gentios, ajudando a fundar as comunidades dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo na Ásia Menor, Macedônia e Grécia. Agora, ele pretende evangelizar a Espanha e, no caminho, quer conhecer a comunidade de Roma e com ela conviver (15,22-29).

Preparando essa viagem, Paulo manda à comunidade uma carta (Rm), que explica cuidadosamente o evangelho de Jesus Cristo e sua prática como seguidor de Jesus, uma vez que ele foi informado que algumas pessoas das comunidades de Roma têm dificuldades com o evangelho por ele anunciado (“meu evangelho”; 2,16; 16,25), pois alguns da comunidade ainda são influenciados pelo evangelho do imperador com o espírito da helenização (busca desenfreada por bens, poder, prazer e honra), e outros marcados pelo evangelho do judaísmo oficial que prega a obtenção da salvação (justificação) pela observância da lei. Em Rm 1,8-17, Paulo manifesta seu anseio de visitar a comunidade de Roma e anuncia o evangelho de Jesus Cristo como o assunto geral da carta.

Comentando o texto: Rm 1,8-17 –

Eu não me envergonho do evangelho de Jesus Cristo

Após a missão no Oriente (Ásia Menor, Macedônia e Grécia), Paulo pretende levar o evangelho de Jesus Cristo crucificado para o Ocidente. Quer alcançar a Espanha, considerada como os extremos confins ocidentais do mundo. Nessa viagem, Paulo deseja passar pela comunidade de Roma e conhecê-la: “E como há muitos anos desejo visitá-los, espero vê-los por ocasião de minha passagem, quando eu for para a Espanha” (15,23-24; cf. 15,28-32).

Na metade do primeiro século d.C., Roma com mais de um milhão de habitantes era uma capital sem precedentes, com as construções esplêndidas de palácios, templos, colunatas etc. Gente de todo tipo (funcionários públicos, comerciantes, pregadores de muitos cultos etc.) afluía a Roma pela rede vital de estradas e rotas do Império. Era um centro de atração e irradiação.

Possivelmente, a notícia sobre a comunidade de Roma se espalha no meio dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo no Oriente. Ainda o casal judeu-cristão, Priscila e Áquila, expulsos de Roma sob o edito do imperador Cláudio, deve ter informado Paulo sobre a comunidade e a situação da cidade de Roma (At 18,1-4). Por isso, Paulo saúda a comunidade de Roma com as palavras de reconhecimento: “Primeiramente, dou graças ao meu Deus por meio de Jesus Cristo, por causa de todos vocês, porque a fé que vocês têm é proclamada em todo o mundo” (1,8). Parece que a comunidade de Roma já tinha fama universal.

Provavelmente, a afirmação exagerada de reconhecimento de Paulo serve para obter a empatia da comunidade ainda não visitada por ele. Mas deve-se, também, entender que Paulo vê a comunidade de Roma, o centro do mundo, como foco da irradiação do evangelho de Jesus Cristo: “Pois Deus, a quem presto culto em meu espírito, anunciando o evangelho de seu Filho, é testemunha de como eu me lembro de vocês” (1,9). Trata-se da missão universal de anunciar o evangelho de Jesus morto e ressuscitado para o Ocidente, com o apoio da comunidade de Roma. É uma irradiação poderosa da evangelização!

No endereço da carta aos Romanos, Paulo se apresenta e já sublinha a missão universal da evangelização: “Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para o evangelho de Deus” (1,1). Ele se considera “servo” de Cristo Jesus, morto pelo Império e ressuscitado contra o Império (Is 42,1-9; 52,13-53,12), e recebeu

uma missão (“apóstolo” = “enviado”, em origem judaica) do próprio Jesus que o “escolheu”. A missão de Paulo é anunciar, para toda a humanidade (todas as pessoas não judias) a boa-nova (evangelho) de Deus prometida para os pobres sofredores no passado (Is 61,1-2) e realizada em Jesus crucificado por causa da prática do amor ao próximo (5,12-21; Gl 6,11-18).

Para a missão universal do evangelho de Jesus Cristo, Paulo quer visitar e animar a comunidade de Roma com os dons do Espírito (carismas; cf. 1Cor 12-14): “E em minhas orações sempre peço que, de algum modo, segundo a vontade de Deus, eu tenha a oportunidade de ir até aí junto de vocês. Eu realmente desejo muito vê-los, para lhes comunicar algum dom espiritual que possa fortalecê-los, isto é, para que eu seja encorajado, junto com vocês, pela fé que é comum a vocês e a mim” (1,10-12). Paulo quer transformar a comunidade de Roma num centro de apoio da missão universal com a mesma fé no evangelho de Jesus Cristo. Do centro do mundo que é Roma, a fé em Jesus Cristo é anunciada a toda parte.

Há um detalhe importante sobre o termo “fé”: “Lembremos a obra da fé, o esforço do amor e a constância da esperança que vocês têm no Senhor nosso Jesus Cristo, diante de Deus nosso Pai” (1Ts 1,3). A fé em Jesus Cristo deve ser ativa! É necessário fortalecer a perseverança da vida cristã com a fé ativa, transformada na prática concreta do amor ao próximo, que produz a esperança teimosa na realização do projeto de Jesus crucificado e ressuscitado: reino da justiça, igualdade e fraternidade e, sobretudo, do amor solidário com as pessoas crucificadas de ontem e hoje (8,18-23).

Por isso, Paulo convida a comunidade de Roma a praticar e transformar a fé num ato concreto de amor ao próximo: “Não quero que fiquem sem saber, irmãos, que muitas vezes planejei ir visitá-los, a fim de colher

algum fruto entre vocês também, tal como entre as outras nações; mas até agora fui impedido” (1,13). Talvez Paulo quisesse exortar a comunidade de Roma a transformar a fé no ato concreto de “colher algum fruto” (coleta): “A Macedônia e a Acaia decidiram generosamente fazer uma coleta em favor dos santos de Jerusalém que estão na pobreza. Portanto, quando eu tiver concluído essa tarefa e tiver entregue oficialmente o fruto da coleta, irei à Espanha passando por vocês” (15,26.28).

Sabe-se que o engajamento da comunidade de Roma no mutirão da solidariedade para com a comunidade de Jerusalém está dentro do projeto de Paulo, judeu seguidor de Jesus Cristo transformado em fervoroso missionário dos gentios. Ele quer assegurar a unidade da comunidade de Roma (composta majoritariamente por gentio-cristãos) com a comunidade de Jerusalém, que representa as comunidades judeu-cristãs. No fundo, Paulo prega a universalidade do evangelho de Jesus, um judeu, que foi morto pelo Império e ressuscitado contra o Império, para a salvação de todos.

Em nome do evangelho do amor de Jesus Cristo crucificado, a salvação (graça) de Deus não está restrita só aos judeus, mas para todas as pessoas sem distinção sociocultural: “Sou devedor a gregos e bárbaros, a sábios e ignorantes. Daí o meu desejo de levar o evangelho também a vocês que estão em Roma” (1,14-15). Em vista da referência de Paulo à sua missão entre os gentios (1,5), todos os gentios que aderem à cultura greco-romana são representados por “gregos”, e todo o resto dos gentios, por “bárbaros”. A missão de Paulo é para toda a humanidade.

Para concluir a introdução (1,1-17), Paulo apresenta o tema central da carta que constitui o resumo de toda a sua pregação: “Porque eu não me envergonho do evangelho, pois ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê, em primeiro lugar o judeu, e depois o grego.

De fato, no evangelho a justiça de Deus se revela através da fé e para a fé, conforme está escrito: ‘O justo viverá pela fé’” (1,16-17). O projeto (a presença salvadora, a justiça, a graça e a força) do Deus da vida na história (Sb 1,13-15) se realizou na vida de Jesus e continua realizando-se no meio das pessoas fiéis e justas pela fé ativa na palavra e na prática do amor e da justiça de Jesus Cristo, isto é, no evangelho de Jesus Cristo morto e ressuscitado para a vida para sempre.

Aprofundando: *Paulo, sua missão, força espiritual e estratégia pastoral*

Paulo, que desempenhou um papel importante na missão e na evangelização dos gentios, descreve seu ministério entre eles:

Eu lhes escrevi, e com certa ousadia, mais para lhes recordar o que vocês já sabem. E isso por causa da graça que me foi concedida por Deus, de ser ministro de Cristo Jesus entre as nações, exercendo o ofício sacerdotal de pregar o evangelho de Deus, a fim de que as nações se tornem oferta agradável, santificada pelo Espírito Santo (15,15-16).

Paulo, um agente pastoral e missionário, considera o seu ministério de evangelização verdadeiro sacerdócio, para que os gentios se tornem o sacrifício vivo e entreguem a própria vida na concretização do projeto de Deus (12,1-2). Ao longo de onze anos, de 46 a 57 d.C., ele empreendeu três viagens missionárias, andando pelo interior da atual Turquia e ao longo da faixa litorânea da Grécia, na região do mar Mediterrâneo. Eram jornadas árduas e sofridas, feitas a pé ou de navio com muitas dificuldades: “Quantas viagens com perigos em rios, perigos de ladrões, perigos

por parte de compatriotas meus, perigos por parte das nações, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por estar entre falsos irmãos!” (2Cor 11,26).

No seu incansável trabalho missionário, Paulo estabeleceu, junto com os colaboradores e colaboradoras, comunidades em quatro províncias do império romano: Galácia, Ásia, Macedônia e Acaia. Acompanhou pessoalmente a caminhada delas através de visitas, cartas e colaboradores, com a vontade de alimentar e divulgar o evangelho de Jesus Cristo até os confins do Império: “Tomei como questão de honra anunciar o evangelho onde o nome de Cristo ainda não era conhecido” (15,20).

Paulo não se cansa e persiste em sua missão, talvez por crer na iminência da *parusia* do Senhor Jesus. Porém, a realização de sua importante obra missionária é indiscutível: “O cristianismo, tal como existe hoje, deve muito a ele”. Lendo e examinando as cartas paulinas (Rm, 1 e 2Cor, Gl, Fl, 1Ts e Fm), percebe-se que o trabalho missionário de Paulo é moldado por certa força espiritual e estratégia pastoral bem pensada e refletida:

- a) O amor de Cristo e seu Espírito: “tudo o que para mim era lucro, agora considero como perda, por amor a Cristo” (Fl 3,7). Paulo, ex-fariseu, se converte à salvação pela graça e amor de Jesus Cristo, deixando a salvação pela observância da lei. Ele põe sua vida inteiramente a serviço de Jesus. Uma vida movida pelo amor de Cristo: “Já não sou eu que vivo: é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). O Espírito de Jesus Cristo, agente divino dinâmico, orienta e anima a missão libertadora de Paulo, criando “a vida e a paz” (8,1-17).
- b) A esperança da salvação pela fé em Jesus Cristo: “Portanto, tendo sido justificados pela fé, estamos em paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus

Cristo. Por meio dele, através da fé, tivemos acesso a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos, na esperança da glória de Deus” (5,1-2). Na sociedade opressiva do Império, Paulo acredita na esperança de construir o projeto de Deus (graça, paz e glória) pela fé no amor de Jesus Cristo. Para ele, a comunidade é o Reino de Deus antecipado já na terra, e deve ser alimentada pelo trabalho missionário e evangelizador (1Ts 5,8).

- c) Formação helenista e universal: “É para a liberdade que Cristo nos libertou. Fiquem firmes, portanto, e não se deixem prender de novo ao jugo da escravidão. Eis que eu, Paulo, lhes digo: Se vocês se fazem circuncidar, Cristo de nada lhes adiantará” (Gl 5,1-2). Paulo viveu em Tarso, uma cidade conhecida por abrigar escolas filosóficas. O estilo de vida da cidade grega (os esportes, a arte, a cultura etc.) influenciou e formou Paulo como um judeu mais aberto para o mundo do que seus irmãos na Palestina. Ele foi o grande missionário no meio dos não judeus no mundo greco-romano.
- d) Missão de modo coletivo: “Paulo, Silvano e Timóteo à igreja dos tessalonicenses, em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo. Graça e paz a vocês” (1Ts 1,1). Paulo não viajava nem trabalhava sozinho. Sempre acompanhado pelos colaboradores, ele empreendeu várias viagens missionárias e organizou as comunidades de modo coletivo (1Cor 4,17).
- e) Missão a partir dos pobres: “Noite e dia trabalhando para não sermos de peso para nenhum de vocês (1Ts 2,9). Com seu trabalho manual, Paulo mergulhou na vida dos escravos que constituíam até dois terços da população nas cidades do império romano. Inserido no mundo do trabalho no qual

- a sociedade escravagista explorava as pessoas, ele pregou e defendeu não só a dignidade humana, mas também uma nova ordem social: “Não há escravo nem livre” (Gl 3,28; cf. 1Cor 4,9-13; Fm).
- f) Casa, igreja doméstica: “Áquila e Priscila, com a igreja que se reúne na casa deles” (1Cor 16,19; cf. Rm 16,3-5). No mundo greco-romano, a casa, de modo geral, apresentava uma loja ou oficina na frente e uma acomodação de moradia no fundo. Para Paulo, fabricante de tendas, a oficina era a base estável de contatos e reuniões. Aí nasceu a comunidade (a igreja doméstica). A casa era, para os primeiros cristãos, espaço acolhedor e missionário de partilha, de cuidados uns para com os outros e de celebrações (16,1-15).
- g) Liderança: “Nós lhes pedimos, irmãos, que tenham consideração por aqueles que se afadigam entre vocês, aqueles que os dirigem no Senhor e os aconselham” (1Ts 5,12). Paulo incentivou a formação e a autonomia da liderança local na vida da comunidade. Eram pessoas que conheciam a própria realidade e tinham a confiança da comunidade, com ampla rede de contatos sociais. Com elas, Paulo cultivou a amizade e a irmandade, o que ajudou e sustentou muitas vezes sua árdua atividade missionária. Entre as pessoas que ele conhece e cita em Rm 16,1-15, há onze mulheres, como Febe, diaconisa da igreja de Cencreia (16,1). Percebe-se o sinal forte da liderança das mulheres nas primeiras comunidades (cf. Fl 4,2; Rm 16).
- h) Participação de todos com solidariedade: “Portanto, encorajem-se uns aos outros e se edifiquem mutuamente, como aliás vocês já estão fazendo” (1Ts 5,11). Paulo encorajava seus fiéis a se envolverem nas atividades pastorais. Esperava que eles

compartilhassem todos os aspectos das necessidades pastorais das comunidades com amor e solidariedade: “Carreguem o peso uns dos outros, e assim vocês cumprirão a lei de Cristo” (Gl 6,2).

- i) Relacionamento afetuosos e familiar: “Nós nos comportamos entre vocês com toda a bondade, qual mãe acariciando os filhos. Tínhamos tanto carinho por vocês, que estávamos dispostos a dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida, tão amados vocês se tornaram para nós” (1Ts 2,7-8). Em suas cartas, Paulo, como mãe e pai, expressa seus afetos e preocupações com seus filhos e filhas na fé (cf. Gl 4,19; 1Cor 4,14; Rm 16,1-5). Com relacionamento maternal e paternal, ele acompanha a vida da comunidade, encorajando-a (1Ts 2,11-12) e exortando-a (1Ts 5,12-22). Um relacionamento pastoral, próximo e afetuosos!

Paulo, missionário audaz de Jesus Cristo, com suas viagens, perigos, perseguições, comunidades e, sobretudo, várias cartas. Nelas, explica-se, em parte, por que Paulo conseguiu realizar tão importantes obras missionárias: paixão por Jesus Cristo e pelo povo, trabalho manual com inserção no mundo dos pobres, igrejas domésticas, formação de liderança, inclusão de mulheres, trabalho comunitário, participação de todos, relacionamento afetuosos e familiar etc. A missão não foi uma atividade espontânea, mas fruto de uma ação pastoral bem refletida e planejada.

Dois mil anos se passaram. A realidade da Igreja não é mais a de Paulo. O movimento cristão, por exemplo, foi apropriado pelo império romano, por volta do ano 380 d.C., levando à construção de templos e basílicas no lugar das igrejas domésticas (casas), a uma igreja triunfalista,

com um clericalismo hierarquizante e excludente, e uma liturgia ritualista e fundamentalista, entre outros. A religião imperialista persiste até hoje, mesmo dentro de grande parte do cristianismo e do mundo dos pobres explorados e humilhados. Quais as recomendações que Paulo faria hoje às nossas igrejas e comunidades? É importante dialogar, a partir da nossa realidade e da experiência de vida, com Paulo, apaixonado pelo evangelho de Jesus Cristo crucificado pelo Império e ressuscitado contra o Império: “Porque eu não me envergonho do evangelho, pois ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (1,16; cf. 1Cor 1,17-31).

SEGUNDO ENCONTRO



TEMA: O amor e a vida fraterna dentro e fora da comunidade cristã.

PERSONAGENS: Paulo e a comunidade de Roma.

TEXTO: Rm 12,3-21.

PALAVRAS-CHAVE: corpo, membros, dom, serviço, amor, hospitalidade, abençoar, oprimidos.

PERSPECTIVA: Reconhecer o valor e a importância da vida comunitária como espaço para viver o amor, a fraternidade e a solidariedade, conscientizando-se da importância de colocar os dons a serviço da missão dentro e fora da comunidade.

“Amem-se uns aos outros com carinho de irmãos” (12,10).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro do encontro uma Bíblia aberta, uma vela acesa e vários instrumentos que simbolizem os diferentes serviços à comunidade.
- Fazer um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Estamos reunidos e reunidas em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. É bom estarmos aqui para continuar nossa reflexão sobre a carta de Paulo aos Romanos. Expressemos nossa alegria pela graça de vivermos a vida cristã, cantando:

***Quero cantar ao Senhor sempre enquanto eu viver,
hei de provar seu amor, seu valor e seu poder.***

*Aleluia, eu vou louvar, ó minh'alma, bendize ao Senhor,
toda a vida eu vou tocar, ao meu Deus vou cantar
meu louvor!*

*Faz justiça aos oprimidos, aos famintos sacia com
pão. O Senhor liberta os cativos, abre os olhos e os
cegos verão.*

Dirigente: O tema do nosso encontro anterior foi o evangelho de Jesus Cristo morto e ressuscitado como força de Deus para a salvação de todas as pessoas. A proposta do gesto concreto era perceber como vivenciamos o evangelho de Jesus Cristo em nossa vida prática. Alguém gostaria de falar como vivenciou o gesto concreto? (*Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto sugerido pelo grupo.*)

Dirigente: Em voz alta, vamos ler o tema do encontro de hoje: *O amor e a vida fraterna dentro e fora da comunidade cristã.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Ao abrir o jornal ou ao assistir os telejornais, ficamos assustados com tanta violência física e psíquica, assassinatos, incluindo o feminicídio, as várias formas de preconceito e eliminação da vida de outras pessoas. A crueldade da guerra atinge pessoas inocentes, como foi o caso de três bebês palestinos que morreram de hipotermia no campo de refugiados de al-Mawasi, no sul de Gaza. A agência da ONU para refugiados da Palestina (Unrwa), no dia 24/12/2024, afirmou que 14.500 crianças palestinas foram mortas por Israel na Faixa de Gaza desde outubro do ano anterior, em média um assassinato a cada sessenta minutos.⁴

Dirigente: É preciso resistir e não perder a sensibilidade diante da dor de nossos irmãos e irmãs. Como nos organizamos para saber quais são os sofrimentos que mais atingem a nossa comunidade? Temos um espaço para conhecer e escutar essas pessoas? Quais ações realizamos pessoal e comunitariamente em solidariedade às pessoas que sofrem, especialmente os mais necessitados? *(Tempo para conversar.)*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: O mundo do império romano é dominado por instintos egoístas (“carne”), marcado pela busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra, o que provoca o desleixo e a libertinagem ética e social (cf. 1,18-31; Sb 2). No dia a dia, os instintos egoístas contaminam a vida cristã dentro e fora das comunidades. Com a comunidade de Roma não era diferente, havia disputa

⁴ ISRAEL mata uma criança por hora em Gaza, diz ONU. *Brasil de Fato*, 24 dez. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/12/24/israel-mata-uma-crianca-por-hora-em-gaza-diz-onu>. Acesso em: 15 jan. 2025.

pelas funções na comunidade (12,3-8); descaso na vida comunitária e fraterna (12,9-13.15-16); bem como a indiferença ao amor para com os que se encontram encurvados, oprimidos e desanimados (12,14.17-21). Paulo convida a comunidade de seguidores e seguidoras de Jesus Cristo em Roma a evitar as competições, as divisões, as disputas, a indiferença ao amor para com todas as pessoas, causadas pela busca dos próprios interesses e da autopromoção à custa dos outros.

5. Leitura do texto

Dirigente: Peçamos ao Espírito de Deus a graça de um coração generoso para acolher os desafios de uma verdadeira vivência cristã na comunidade. Cantemos (*o grupo pode sugerir outro refrão*):

Dá-nos um coração grande para amar. Dá-nos um coração forte para lutar.

Leitora ou leitor 3: (*Ler Rm 12,3-8.*)

Leitora ou leitor 4: (*Ler Rm 12,9-15.*)

Leitora ou leitor 5: (*Ler Rm 12,16-21.*)

Dirigente: (*Para conversar.*)

- a) Quais dificuldades levantadas dentro e fora da comunidade transparecem no texto?
- b) De acordo com o texto, quais as exigências para viver a vida cristã de modo coerente com o evangelho de Jesus Cristo?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 6: Paulo elenca alguns princípios e atitudes que devem estar presentes no seguimento de Jesus Cristo; os mesmos princípios continuam válidos para nós. Ninguém deve se julgar superior aos demais,

mas deve colocar-se a serviço dentro e fora da comunidade cristã. A principal atitude de quem vive o seguimento de Jesus é a disponibilidade para colocar a sua vida a serviço do bem comum.

- a) Fazer um levantamento dos “dons” presentes na comunidade.
- b) Quais são as dificuldades para a nossa vivência comunitária e o que é possível fazer para superá-las?
- c) Quais valores e atitudes percebemos nas pessoas que encontramos na sociedade?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Olhando para os símbolos dos diversos serviços existentes em nossa comunidade, vamos agradecer a Deus pelos dons que temos, e podemos pedir a graça de usá-los para o bem da comunidade. *(Cada pessoa poderá tomar o símbolo nas mãos e fazer a sua prece.)*

Dirigente: Que Deus nos dê a graça de amar a nossa comunidade e ter a consciência de que somos um só corpo em Cristo. Que o amor vivenciado na comunidade transborde para as pessoas fora da comunidade. Sejam incansáveis no zelo apostólico, especialmente na solidariedade com as pessoas necessitadas. Nessas intenções, rezemos, de mãos dadas, a oração do pai-nosso.

Todas/os: Pai nosso...

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, leiam Rm 13,1-7, e, quem puder, leia as orientações em preparação para o terceiro encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

Dirigente: Vamos colocar uma atenção especial às necessidades das pessoas com as quais nos encontramos dentro e fora da comunidade e ver como é possível ajudá-las. Se não for possível ajudar concretamente, sejamos presença na escuta.

10. Bênção final

Dirigente: “Abençoem os que perseguem vocês. Abençoem, e não amaldiçoem. Alegrem-se com os que se alegram, chorem com os que choram. Não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem” (12,14-15.21). Que Deus nos abençoe com a graça de sermos pessoas solidárias, hospitaleiras e de esperança. Que a bênção de Deus esteja com todas e todos. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todas/os: Amém.

Orientações para o segundo encontro

Situando o texto: *O espírito egoísta e ganancioso na vida cristã*

A carta aos Romanos descreve um catálogo de vícios, que são marcados pelo espírito egoísta da busca desenfreada por bens, poder, prazer e honra:

Encheram-se de todo de tipo de injustiça, maldade, cobiça e malícia, repletos de inveja, assassínios, brigas, fraudes e perversidades. São fofoqueiros, caluniadores, inimigos de Deus, desafortunados, arrogantes, fanfarrões, talentosos para o mal, desobedientes aos pais, insensatos, desleais, sem amor e sem piedade (1,29-31).

Paulo acusa as pessoas de viverem de acordo com seus próprios instintos egoístas, “sufocando a verdade com a injustiça” (1,18). Critica o espírito explorador e conquistador, difundido no mundo greco-romano, chamado espírito de “helenização” ou romanização, o que provoca competição, injustiça, negligência e libertinagem ética e social, chegando até à autodestruição dos humanos.

O espírito egoísta e ganancioso da helenização, que absolutiza pessoas, coisas, valores e desejos (bens, poder, prazer e honra) no lugar do Deus verdadeiro da vida (1,24-32), está bem expresso no pensamento dos “ímpios” retratados no livro da Sabedoria, escrito em grego na Alexandria, por volta do ano 30 a.C., sob o domínio do império romano:

Os ímpios, porém, com ações e palavras, invocam a morte. Julgaram que ela seria amiga e, tendo feito aliança com ela, a desejaram intensamente. São mesmo dignos de lhe pertencer. Pensando de forma incorreta, dizem uns aos outros: “Nossa vida é breve e triste, e no fim o ser humano não tem cura, e nada se sabe de alguém que tenha voltado do mundo dos mortos. Porque nascemos do acaso e depois seremos como se não tivéssemos existido [...]. Vamos então desfrutar dos bens existentes e usar das criaturas com ardor juvenil. Vamos embriagar-nos com melhor vinho e com perfumes [...]. Ninguém de nós fique fora de nossas orgias” (Sb 1,16-2,1-2.6-7.9).

Como a vida é breve e não há vida nem julgamento além-túmulo, o único sentido da vida é gozar e realizar todos os prazeres: vinho, festas, perfume, orgias etc. Na busca desenfreada por bens, prazeres e poder, o ímpio faz “aliança com a morte”, explora o corpo dos pobres e até tenta eliminar o justo que denuncia as injustiças sociais:

Vamos oprimir o pobre e o justo, e não poupar as viúvas ou respeitar os cabelos brancos do ancião. Nossa força seja a lei da justiça, pois o fraco é inútil, não há dúvida. Vamos preparar ciladas para o justo, pois ele nos incomoda e se opõe a nossas ações (Sb 2,10-12).

No dia a dia, o espírito egoísta e ganancioso, promovido e propagado pelo império romano, estava bem presente no mundo greco-romano do tempo de Paulo, e até nas comunidades dos seguidores e seguidoras do evangelho do amor ao próximo de Jesus Cristo, provocando conflitos internos e externos. Por exemplo, a comunidade de Corinto, onde Paulo escreveu a carta aos Romanos, também estava marcada pelo espírito egoísta e ganancioso que provocava a competição, a injustiça, a negligência e a libertinagem ética e social:

- a) “O amor é paciente, prestativo é o amor, não é invejoso, não se vangloria, não se incha de orgulho. Não falta com o respeito, não é interesseiro, não se irrita, não planeja o mal. Não se alegra com a injustiça, se alegra com a verdade” (1Cor 13,4-6). A vida cristã deveria ser marcada pela caridade, ou amor fraterno. Porém, a chamada de atenção de Paulo indica que a maldade do espírito egoísta estaria atuando na comunidade cristã de Corinto, provocando inveja, conflito e injustiça.
- b) “Existem diferentes dons, mas o Espírito é o mesmo. Existem diferentes ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Existem diferentes atividades, mas o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é concedida a manifestação do Espírito para o bem comum” (1Cor 12,4-7). Em 1Cor 12 e 14, Paulo insiste em afirmar que todos os dons ou ministérios são dons de Deus, a serviço da

fraternidade. A insistência dele no bem comum reflete a realidade em que o ministério ou cargo da comunidade é, às vezes, disputado, ocupado e usado pelos poderosos e ambiciosos em exibir e justificar seus poderes de influência e dominação.

- c) “‘Tudo é permitido para mim’, mas nem tudo me convém. ‘Tudo é permitido para mim’, mas não deixarei que nada me domine. ‘Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos: ora, Deus eliminará tanto aquele quanto estes’. Mas o corpo não é para a união ilegítima, e sim para o Senhor, e o Senhor é para o corpo” (1Cor 6,12-13). Na comunidade cristã, alguns membros transformam a liberdade para o amor, trazida por Jesus Cristo, em libertinagem, fazendo do corpo objeto de busca desenfreada por prazer (os “desejos da carne”; Gl 5,16).
- d) “Nós somos fracos, e vocês são fortes. Vocês estimados, e nós desprezados. Até o presente, passamos fome e sede, estamos malvestidos, somos maltratados, não temos morada certa, e nos cansamos trabalhando com as próprias mãos. Somos amaldiçoados, e bendizemos. Somos perseguidos, e suportamos. Somos caluniados, e encorajamos. Até agora, nos tornamos como o lixo do mundo, a escória de todos” (1Cor 4,10-13). Paulo, ironicamente, critica os ricos e fortes que se julgam superiores, buscam poderes e vantagens em partido próprio e desprezam e oprimem os pobres e fracos.
- e) “Então, quando vocês se reúnem, o que fazem não é comer a ceia do Senhor. Porque cada um se apressa em comer sua própria ceia. E assim, enquanto um passa fome, o outro fica embriagado. Vocês não têm suas casas onde comer e beber? Ou desprezam a Igreja de Deus e querem envergonhar

aqueles que nada têm? O que lhes direi eu? Devo elogiá-los? Neste caso, não os elogio” (1Cor 11,20-22). O espírito egoísta e ganancioso transforma a celebração da ceia do Senhor em ocasião de discriminação, de ostentação e de abuso.

O espírito egoísta da helenização, que se traduz na libertinagem e na injustiça ética e social, provoca conflitos no mundo greco-romano e até mesmo nas comunidades cristãs. A comunidade de Roma não podia ser diferente. Alguns de seus membros assumem a prática insaciável da busca de bens, poder, prazer e honra, que instaura a crise interna e externa da comunidade, gerando a perversão das relações pessoais e sociais (1,21-31).

Em Rm 12,3-21, Paulo condena a pretensão, a superioridade, a disputa e a negligência, praticadas por alguns membros egoístas e gananciosos na comunidade: a) a disputa pelo cargo na comunidade (12,3-8); b) o desleixo na vida comunitária e fraterna (12,9-13.15-16); c) a indiferença em relação ao amor para com os pobres no mundo (12,14.17-21).

Comentando o texto: Rm 12,3-21 –

A vida cristã dentro e fora da comunidade

Após a chamada exortativa na qual cada seguidora ou seguidor de Jesus Cristo deve oferecer a Deus os “próprios corpos como sacrifício vivo”, para poder distinguir qual a vontade dele (12,1-2), Paulo começa a expor os deveres gerais que norteiam a vida no seguimento de Jesus Cristo como uma resposta (sacrifício) à graça recebida de Deus: “Pela graça que me foi concedida, eu digo a todos e a cada um de vocês: Não tenham de si mesmos um conceito maior do que convém, mas um conceito justo, de acordo com a medida da fé que Deus concedeu a cada um” (12,3).

Na fé no amor de Jesus Cristo, cada cristão recebe “gratuitamente” a graça de Deus, o seu amor gratuito em ação, não pelo mérito da observância de um código moral e ritual, nem pelo mérito do sucesso das atividades e do trabalho, na busca desenfreada por bens, poder, prazer e honra. Por isso, ao acreditar e praticar o amor de Jesus Cristo, a pessoa cristã deve abandonar a pretensão de ser o superior ou o mais importante, para colocar-se com simplicidade e solidariedade a serviço das outras. A vida é o dom de Deus!

O dever cristão de colocar-se a serviço da vida comunitária é explicado pela imagem do corpo em uma comparação bem conhecida em 1Cor 12,12-31, para falar de unidade, diversidade e solidariedade na vida da comunidade: “Pois assim como num só corpo temos muitos membros, e estes membros não têm todos a mesma função, assim também nós, embora sendo muitos, somos um só corpo em Cristo, e individualmente somos membros uns dos outros” (12,4-5).

Na literatura greco-romana, a comparação do corpo humano como imagem do corpo social era comum. Porém, a metáfora do corpo era utilizada para justificar a sociedade hierárquica do mundo escravagista e o poder da dominação do império romano, tendo o imperador como cabeça. Agora, Paulo muda e coloca o Cristo como cabeça, Jesus Cristo morto pelo Império e ressuscitado contra o Império, isto é, Jesus Cristo morto pela prática do amor ao próximo, como origem da comunidade cristã. Pela fé no amor de Jesus Cristo como cabeça, a pessoa cristã não pode excluir-se do corpo, nem excluir as outras.

Depois de comparar a comunidade como corpo de Cristo, para salientar a importância do serviço do bem comum, Paulo elenca “sete dons” ou ministérios a serviço do bem comum. Como o número sete significa totalidade e perfeição na Bíblia, ele apresenta simbolicamente

todos os ministérios existentes nas comunidades. São os sete dons, todos os ministérios possíveis, que formam a comunidade fraterna e solidária como corpo, “sacrifício vivo”, para o Deus da vida.

Primeiro: “Temos, portanto, dons diferentes, conforme a graça que nos foi dada. Quem tem o dom da profecia, que o exerça na justa relação com a nossa fé” (12,6). A graça que Deus concede a cada uma é o próprio modo de ser de cada pessoa a serviço da vida comunitária. Primeiramente, a profecia é citada como dom individual a serviço do bem comum. Profetizar é discernir, identificar e falar a vontade de Deus à luz do evangelho de Jesus Cristo, para edificação da comunidade, anunciando as boas-novas e denunciando a injustiça.

Segundo: “Quem tem o dom do serviço, que o exerça servindo” (12,7a). Com o espírito da busca desenfreada por bens e poder no mundo greco-romano, o serviço na comunidade corria o risco de ser um meio para adquirir vantagem individual, provocando competição, violência, dominação e sofrimento dos outros. O espírito do serviço (*diakonia* em grego), que deve frutificar servindo ao bem comum, é a qualificação de todos os dons (ministérios) existentes nas comunidades.

Terceiro: “Quem tem o dom do ensino, ensinando” (12,7b). O ensino (*didaskalia* em grego), que corresponde na prática à atual catequese, era destaque nas primeiras comunidades, ensinando a conhecer e interpretar as Escrituras Sagradas a partir dos ensinamentos e da prática de Jesus de Nazaré, aprofundando o conhecimento e a fé em Jesus Cristo, em benefício, sobretudo, dos iniciantes (“jovens”; cf. 1Pd 5,5-11). “Quem é instruído na Palavra reparta todos os seus bens com aquele que o ensina”, afirma Gl 6,6.

Quarto: “Quem tem o dom do encorajamento, encorajando” (12,8a). O encorajamento se coloca mais no plano moral, na vivência familiar e comunitária cristã. O dom

do encorajamento serve ao bem comum pela prática de viabilizar, aconselhar, estimular a vivência e a caminhada cristã, procurando o seguimento da palavra e da prática de Jesus Cristo.

Quinto: “Quem reparte, que o faça com simplicidade” (12,8b). A expressão “quem reparte” pode ser traduzida como “aquele que distribui seus bens”. O dom de repartir não só se refere à assistência social junto com os pobres, mas também à distribuição (doação) dos próprios bens, buscando a justa distribuição dos bens para as comunidades (o serviço pelo bem comum), segundo o relatório idealizado dos Atos dos Apóstolos sobre a vida da comunidade (At 4,34-35). Mais uma vez, a orientação de Paulo é que o ato de distribuir não seja feito com o objetivo de obter reconhecimento nem o de ambicionar posição importante na comunidade.

Sexto: “Quem preside, com zelo” (12,8c). Na associação (voluntária) do mundo greco-romano, a pessoa com mais recursos e poder era eleita presidente para dirigir e organizar a associação. Era um cargo disputado e ambicionado por aqueles que desejavam prestígio político. Na comunidade composta, em sua maioria, por pobres, Paulo pede que o presidente assuma o cargo de liderança com zelo de servir aos outros com simplicidade, humildade e solidariedade.

Sétimo: “Quem faz obras de misericórdia, com alegria” (12,8d). As obras de misericórdia estão envolvidas no cuidado com as pessoas necessitadas: curar os enfermos e prestar ajuda aos pobres, idosos e deficientes que são muitas vezes deixados à margem da sociedade. É um trabalho penoso, cansativo e, comumente, sem muito reconhecimento. Paulo pede que a prática da misericórdia seja feita “com alegria”. É a virtude necessária tanto para quem pratica a obra quanto para quem recebe o serviço de cuidado, para manter e dinamizar a comunidade na partilha, fraternidade e paz.

Os sete dons com riqueza na diversidade ajudam, sem dúvida, na caminhada da comunidade a formar a fraternidade e a comunhão. Contudo, é possível perceber, na insistência de Paulo no serviço do bem comum, que a comunidade cristã de Roma está enfrentando conflitos provocados pelos membros que fazem dos ministérios um serviço em vista dos interesses próprios, provocando discórdia, disputa, desunião e descuido para com os necessitados. Ou seja, os membros estariam seguindo o espírito do mundo: a busca desenfreada por bens, poder, prazer e honra.

Por isso, Paulo reforça e emprega uma série de orientações e até de advertências para que a comunidade cristã como “corpo” se mantenha unida, saudável, santa e agradável a Deus (12,1): “Que o amor seja sem fingimento. Detestem o mal e apeguem-se ao bem. Amem-se uns aos outros com carinho de irmãos, cada um considerando os outros como mais dignos de estima. Sirvam ao Senhor, incansáveis no zelo, fervorosos no espírito, alegres na esperança, perseverantes na tribulação, constantes na oração, solidários com as necessidades dos santos, praticando a hospitalidade” (12,9-13).

Paulo orienta o amor pelos irmãos na comunidade, atendendo, sobretudo, às necessidades dos “santos”, termo usado na comunidade primitiva para designar os seguidores e seguidoras de Jesus Cristo. Uma das necessidades é a hospitalidade, a virtude importante do Antigo Testamento (cf. Gn 18,1-8; Jó 31,32; Sl 23) e a virtude primária dentre os cristãos que devem acolher e proteger os necessitados: “Sejam acolhedores uns com os outros sem reclamar” (1Pd 4,9; 1Tm 3,2; Tt 1,8; Hb 13,2). É a prática do próprio Paulo em suas viagens missionárias, ficando hospedado nas casas das pessoas dispostas às obras das caridades (cf. At 21,15-16).

A exortação de Paulo ao amor fraterno chega até a partilha dos sentimentos: “Alegram-se com os que se alegram, chorem com os que choram” (12,15). Nos sentimentos, ele alerta de novo aos riscos que a grandeza, a superioridade e a autossuficiência poderiam ter, como provocar a disputa e a desunião: “Tenham os mesmos sentimentos uns pelos outros, sem pretensões de grandeza, mas fazendo caminho com os oprimidos. Não se considerem sábios a si mesmos” (12,16). É a retomada da orientação sobre os ministérios a serviço da vida comunitária (cf. 12,3-8).

Após ter olhado dentro das comunidades e visto suas relações internas, Paulo aborda a relação externa, sobretudo a negligência do amor para com todos sem restrição: “Abençoem os que perseguem vocês. Abençoem, e não amaldiçoem. Não retribuam a ninguém o mal com o mal. Procurem o que é nobre diante de todos. Se possível, no que depende de vocês, vivam em paz com todos. Não se vinguem, caríssimos, mas deem lugar à ira de Deus. Pois está escrito: ‘A mim pertence a vingança, eu é que retribuirei’, diz o Senhor” (12,14.17-19).

A partir da citação de Dt 32,35a: “A mim pertencem a vingança e a represália”, Paulo orienta a comunidade para não fazer justiça com as próprias mãos, mas deixar que Deus a faça. É a exigência cristã de não entrar na lógica do olho por olho e dente por dente, evitando a espiral de inimizades, hostilidade e violência produzida pelo mundo do império romano. Na prática, o cristão deve assumir a lógica do amor ao próximo para viver em paz com todos: “Tomem cuidado para que ninguém retribua o mal com o mal. Ao invés, procurem sempre o bem uns dos outros e de todos” (1Ts 5,15).

Nos gestos concretos da caridade cristã, Paulo cita ainda Pr 25,21-22, na versão da Septuaginta: “Ao contrário, ‘se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver

sede, dê-lhe de beber. Agindo assim, você estará acumulando brasas por sobre a cabeça dele” (12,20). A citação de Pr 25,22a: “acumular brasas por sobre a cabeça dele” significa a atitude misericordiosa capaz de provocar o arrependimento e a conversão do inimigo. Assim, com o bem se vence o mal: “Não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem” (12,21). Enfim, Paulo orienta e exorta os cristãos de Roma a formarem a comunidade do amor de Jesus, que se diferencia das estruturas de exploração e dominação do Império (cf. 1,18-32).

Aprofundando: *Fé, amor e esperança, princípios da vida cristã*

Na saudação à comunidade de Tessalônica, Paulo, ex-fariseu, que se converteu e reconheceu a salvação como a gratuidade de Deus pela fé ativa no amor de Jesus Cristo e em seu caminho (Fl 3,7-11), resume a vida cristã em três virtudes como os dons espirituais de Cristo, “fé, amor, esperança”:

Agradecemos sempre a Deus por causa de todos vocês, recordando-os em nossas orações. Sem cessar, lembramos a obra da fé, o esforço do amor e a constância da esperança que vocês têm no Senhor nosso Jesus Cristo, diante de Deus nosso Pai (1Ts 1,2-3).

A “fé” deve ser ativa, agindo através do amor de Jesus Cristo e traduzindo-se em obras (12,3-13). O “amor” é o motor que estabelece a justiça e a fraternidade existencial que implicam a prática, os esforços e as obras. A “esperança”, que é o fruto da prática do amor ao próximo, deve ser persistente, para animar e assegurar a caminhada da construção do reino da vida (8,14-39). A existência cristã movida e alimentada pelos dons espirituais de Jesus Cristo

pressupõe, assim, ter fé no Deus da vida, amar uns aos outros e ter esperança pela realização do projeto de Deus no mundo injusto e desigual do império romano. Paulo, que prega, pratica e experimenta as três virtudes junto a comunidades como Roma, aprofunda e explica cada uma delas em suas cartas, à luz da atividade pastoral:

- a) *A fé em Jesus Cristo crucificado*: “Os judeus pedem sinais e os gregos buscam sabedoria, ao passo que nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações. No entanto, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois a loucura de Deus é mais sábia que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens” (1Cor 1,22-25). Jesus Cristo crucificado, a maior manifestação do amor gratuito do Deus dos pequenos em ação (cf. Lc 10,21-22), é o escândalo para a lei da pureza do judaísmo oficial e a loucura para o espírito ambicioso do Império em sua busca desenfreada por bens, poder e prazer. A fé em Jesus Cristo crucificado deve ser ativa e traduzir-se em obras que geram justiça, igualdade, comunhão e fraternidade no mundo.
- b) *A fé traduzida no compromisso batismal*: “Pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus” (Gl 3,27-28). Pelo batismo em Cristo Jesus, os fiéis são chamados a viver em harmonia, sem divisões étnicas e sociais discriminatórias. A comunidade cristã deve ser o protótipo da nova humanidade e da sociedade, porque ela é a presença antecipada do Reino de Deus de forma social e histórica.

- c) *O amor manifestado na vida comunitária*: “Portanto, se algum apelo existe em Cristo, se existe alguma consolação de amor, se existe alguma comunhão de espírito, se existe alguma ternura e compaixão, completem a minha alegria: tenham o mesmo sentimento e o mesmo amor, em harmonia, com um só pensamento. Não façam nada por competição ou pelo desejo de receber elogios, mas com humildade, cada um considerando os outros superiores a si mesmo. Que ninguém busque apenas seu próprio interesse, mas também o interesse dos outros” (Fl 2,1-4). Conhecendo os problemas da vida comunitária (rixas e conflitos), Paulo exorta os filipenses a lutarem unidos pela fé no amor, na harmonia e na humildade à luz do servo Cristo (cf. Fl 2,5-11), evitando as divisões causadas pelo fechamento egoísta e pela autopromoção.
- d) *O amor traduzido nas relações de igualdade e de fraternidade*: “Por isso, ainda que eu tenha em Cristo total liberdade para lhe ordenar o que você deve fazer, prefiro pedir por amor. Sou eu, Paulo, velho e agora prisioneiro, que lhe peço em favor de Onésimo, meu filho que gerei nas prisões” (Fm 8-10). Paulo escreve uma carta para o patrão Filêmon, membro da comunidade de Colossas (Cl 4,9.17), para que ele receba Onésimo, seu escravo fugitivo, como irmão e não mais como escravo (Fm 16). A carta comprova que o amor tenta superar as relações de desigualdade dentro da comunidade e esvazia o estatuto da escravidão. Paulo propõe novas relações fraternas, movidas pelo amor de Jesus Cristo.
- e) *O amor traduzido em obras*: “E assim como vocês sobressaem em tudo: na fé, no dom da palavra, no conhecimento, no fervor em tudo e no amor

para conosco, procurem também sobressair nesta obra de generosidade [coleta]. Não digo isso como ordem, mas, vendo o entusiasmo dos outros, quero comprovar se o amor de vocês é genuíno” (2Cor 8,7-8). Apontando o exemplo generoso das comunidades da Macedônia, Paulo exorta os coríntios a realizarem a mesma coleta em benefício dos pobres da Judeia. Salienta que o amor a Deus e aos outros deve ser traduzido na partilha e na solidariedade concreta em favor dos necessitados.

- f) *A esperança produzida no amor ao próximo*: “Nós, que somos fortes, temos o dever de carregar as fraquezas dos fracos, em vez de pensar somente em satisfazer a nós mesmos. Cada um de nós procure agradar ao próximo em vista do bem, para edificá-lo. Pois também Cristo não buscou satisfazer a si mesmo. Que o Deus da esperança os encha de toda alegria e paz na fé, para que vocês transbordem de esperança pela ação do Espírito Santo” (15,1-3a.13). Para unir o grupo conservador (fracos) e o grupo progressista (fortes) num só povo e numa só comunidade (15,7-12), Paulo prega a convivência cristã baseada na tolerância, na misericórdia e no amor ao próximo, por quem Jesus Cristo morreu e ressuscitou. Com a prática do amor de Jesus e seu Espírito, os cristãos vivem na esperança da realização definitiva do Reino de Deus que já é antecipada na vida comunitária e fraterna.
- g) *A esperança persistente na caminhada libertadora (o Reino de Deus)*: “Penso, pois, que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que deverá revelar-se em nós. Porque a criação espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus. Na verdade, a criação ficou sujeita ao fracasso, não porque quis, mas por vontade daquele

que a sujeitou, na esperança de que também ela seja libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus” (8,18-21). A esperança persistente pela salvação de Deus anima e leva a humanidade junto com a criação à luta pela libertação de toda exploração, opressão e escravização. A esperança assegura a caminhada da construção do Reino de Deus: “Pois na esperança já fomos salvos” (8,24).

Como no mundo injusto e desigual de Paulo, muitos de nossos irmãos e irmãs continuam oprimidos e sofrendo com as forças do mal. O império de hoje continua devorando os corpos dos pequenos que se encontram encurvados, adoentados, violentados e desesperados. Eles são explorados até em nome da religião e da fé baseada no mérito e numa relação individual com Deus, sem compromisso do amor ao próximo, afastando-se da esperança ativa pela realização definitiva do Reino de Deus, que já é antecipada na vida comunitária e fraterna do dia a dia.

É necessário fortalecer a perseverança da vida cristã com a fé ativa, transformada em prática concreta do amor ao próximo, que produz a esperança teimosa na realização do projeto de Jesus crucificado e ressuscitado: o reino de justiça, igualdade e fraternidade e, sobretudo, amor solidário com as pessoas crucificadas de hoje em nosso redor. É preciso salientar sempre o amor como a força de Deus e a força da pessoa aliada a Deus: “Agora permanecem a fé, a esperança e o amor, essas três coisas. A maior delas é o amor” (1Cor 13,13).

TERCEIRO ENCONTRO



TEMA: A autoridade a serviço do Deus da vida.

PERSONAGENS: Paulo e a comunidade.

TEXTO: Rm 13,1-7.

PALAVRAS-CHAVE: autoridade, governar, bem, mal, Deus, submeter-se.

PERSPECTIVA: Entender que a autoridade constituída exerce um papel importante e deve agir conforme o direito e a justiça, visando o bem comum.

“A autoridade está a serviço de Deus para o bem de você” (13,4).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro do encontro uma Bíblia aberta, uma vela acesa e flores.
- Fazer um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. Estamos aqui reunidos para estudar e rezar a partir da carta aos Romanos. No encontro anterior, propusemos como gesto concreto observar as necessidades das pessoas com as quais nos encontramos dentro e fora da comunidade. Alguém gostaria de partilhar como foi a vivência do gesto concreto? *(Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um cântico conforme a sugestão do grupo ou: **Prova de amor maior não há que doar a vida pelo irmão.**)*

Dirigente: No encontro de hoje, rezaremos sobre a autoridade e sua importância em nossa vida diária. Juntos, podemos dizer, em voz alta, o tema do nosso encontro: *A autoridade a serviço do Deus da vida.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: “A administradora Ethel Schad, 48 anos, mora no Parque Estuário, em Guarujá (SP), e nasceu com Síndrome da Talidomida, doença que provocou má formação nas mãos. Também é cadeirante há 13 anos, depois de sofrer uma queda na rua, que provocou uma lesão no cóccix. [...] [No dia 06/10/2024,] ela votou na Escola Municipal Presidente Franklin Delano Roosevelt, no Jardim Boa Esperança. Ethel contou detalhes sobre a ‘batalha’ para chegar à escola onde votou. ‘Fui a primeira

pessoa a votar [na escola]. Tem que exercer o papel de cidadã. A escola em si é toda acessível, e a seção também, mas o acesso à escola é muito ruim. A cadeira atolou no meio do caminho’, desabafou.”⁵

Dirigente: Hoje, nós temos o acesso à crítica e à escolha da autoridade (poder) pelo voto, que é a delegação que o cidadão entrega ao candidato para que ele exerça o poder a serviço do bem comum. No tempo de Paulo, cidadania e democracia não constavam na política dos imperadores, como, por exemplo, Nero. Era um regime totalitário e violento. O povo sem vez e sem voz. Porém, Paulo teve coragem de tocar o tema da política. Como ele e os cristãos se posicionaram diante das autoridades injustas e violentas? Qual deve ser a posição do cristão hoje em relação à política?

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: De acordo com a convicção de Paulo, como defensor dos pobres e sofredores (cf. 1Cor 1,17-31; 4,9-13), ele deve ter endereçado sérias advertências às autoridades romanas do tempo de Nero, que ultrapassavam todo limite de violência e de exploração. Porém, era um tempo de violenta repressão aos insurgentes; o próprio Paulo foi, posteriormente, executado pela autoridade do Império, por isso era prudente ter certa precaução ao escrever uma crítica à autoridade injusta no mundo escravagista, no qual era quase impossível fazer uma mudança. Por isso, em Rm 13,1-7, com o tema “a autoridade a serviço de Deus”, ele descreve o dever do cidadão (“fazer o bem;

⁵VASQUES, Nicole. Eleitores com doença crônica, falta de mobilidade e cilindro de oxigênio fazem questão de votar no litoral de SP. *G1*, 6 out. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/eleicoes/2024/noticia/2024/10/06/eleitores-com-doenca-cronica-falta-de-mobilidade-e-cilindro-de-oxigenio-fazem-questao-de-votar-no-litoral-de-sp.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2025.

pagar impostos”) sob a autoridade estabelecida por Deus, em vez de uma crítica direta à autoridade injusta e violenta. Ao mesmo tempo, o texto insiste, com diversas repetições, que o poder vem de Deus a serviço do bem comum (12,1-2; cf. Eclo 10,3-5; Sb 6,1-11), o que não deixa de ser uma crítica indireta à autoridade totalitária e cruel de Nero.

5. Leitura do texto

Dirigente: Peçamos ao Espírito Santo que abra nosso coração para acolher a Palavra de Deus e deixar que ela produza frutos de vida em nós. Cantemos:

Toda semente é um anseio de frutificar, e todo fruto é uma forma de a gente se dar.

Põe a semente na terra, não será em vão. Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão. (bis)

Toda palavra é um anseio de comunicar, e toda fala é uma forma de a gente se dar.

Leitora ou leitor 3: (Ler Rm 13,1-7.)

Dirigente: (Para conversar.)

- a) Quais as consequências de não se submeter às autoridades do Império no tempo de Nero?
- b) Qual a intenção de Paulo ao insistir que toda autoridade constituída vem de Deus e deve ser obedecida?
- c) Como entendemos a afirmação “O poder vem de Deus a serviço do bem comum”?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Vivemos em um país no qual as desigualdades sociais são assustadoras. Nas ruas, avenidas,

igrejas e outras repartições públicas vemos aumentar o número de pedintes. Aumenta a violência nas ruas de nossas cidades. Enquanto isso, as autoridades políticas (e, muitas vezes, religiosas também) estão preocupadas com seus próprios interesses.

- a) Qual deve ser a posição do cristão hoje em relação à política?
- b) Qual a melhor forma de governar?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Peçamos a Deus que nos dê forças para exercer nosso direito político, lembrando que Jesus criticou a dominação e a tirania dos reis da terra (Lc 22,25). Com esse desejo, vamos ler juntos o texto “O analfabeto político”, escrito entre os anos de 1920 e 1950, na Alemanha, por Berthold Brecht.

O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio depende das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e lacaios dos exploradores do povo.

Dirigente: De mãos dadas, vamos rezar o pai-nosso, reforçando nossa missão de construir uma sociedade digna e justa. Que a nossa autoridade seja para a promoção da dignidade humana e pela integridade da criação.

Todas/os: Pai nosso...

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, leiam Rm 8,18-27, e, quem puder, leia as orientações em preparação para o quarto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

Dirigente: Vamos ver em nossa cidade, bairro ou comunidade quais os direitos que não estão sendo respeitados e descobrir o que podemos fazer pessoal e comunitariamente para que eles sejam cumpridos.

10. Bênção final

Dirigente: Que a bênção de Deus, que é pai compassivo e misericordioso, desça sobre nós e nos ajude no compromisso com a justiça, especialmente para os mais fracos e empobrecidos.

Todas/os: Amém.

Orientação para o terceiro encontro

Situando o texto: *O poder é dado por Deus a serviço da justiça*

O livro da Sabedoria, escrito em grego no final do primeiro século a.C., na colônia judaica de Alexandria, descreve a situação crítica dos imigrantes judeus sem cidadania plena sob o governo injusto e explorador do império romano:

- “Deus não fez a morte, nem se alegra com a destruição dos seres vivos. Os ímpios, porém, com

ações e palavras, invocam a morte. Julgam que ela seria amiga e, tendo feito aliança com ela, a desejaram intensamente” (Sb 1,13.16).

- “Se realmente o justo é filho de Deus, Deus o ajudará e o libertará da mão de seus adversários. Vamos submetê-lo a insultos e torturas, para sabermos de sua serenidade e avaliarmos sua resistência. Vamos condená-lo a morte humilhante, pois segundo suas palavras, haverá quem olhe por ele” (Sb 2,18-20).

A morte, a destruição dos seres vivos, os ímpios, a aliança com a morte, o justo insultado e torturado... Esses são alguns dos temas tratados no livro da Sabedora. Nas entrelinhas desse livro, é possível perceber vários conflitos, explorações, perseguições, violências e morte dos justos, provocados pela insensatez das pessoas injustas. É uma verdadeira súplica dos justos pela sabedoria de Deus, como caminho para a justiça e condição de vida e liberdade, sob a dominação violenta e mortal, imposta pelo império romano.

Por volta do ano 30 a.C., Alexandria, com 600 mil habitantes, passa a ser administrada por Roma. A situação de cerca de 150 mil judeus da diáspora alexandrina se agrava radicalmente pela mudança sociopolítica imposta pelos governantes romanos:

- a) Os destacamentos de mercenários, inclusive judeus, perdem espaço, “emprego”, à medida que a manutenção da ordem começa a ser exercida pelas legiões romanas com a *Pax Romana*.
- b) A função dos coletores das taxas, na qual os judeus eram empregados, também passa a ser executada pelos cidadãos gregos, excluindo os judeus do mercado.

- c) O governo romano impõe o imposto pessoal, chamado *laografia*, a toda a população sem cidadania plena, empobrecendo especialmente a população judaica rural e de baixa renda.

Tudo isso leva a comunidade judaica a uma profunda crise e à divisão interna. De um lado, um grupo de judeus alexandrinos persiste na busca de abrir-se à cultura helenista (greco-romana) para conseguir o direito à cidadania plena e melhor condição social, para manter-se como elite, abandonando inclusive a fé dos antepassados e assumindo os deuses greco-romanos (idolatria; cf. Sb 13-15); do outro lado, cresce o empobrecimento e a perseguição para a maioria dos judeus por ter mantido a fé e a identidade cultural do judaísmo.

Perda de espaços, aumento da pobreza, desprezo, hostilidade, perseguição... Os imigrantes judeus pobres são discriminados e oprimidos pelos governantes romanos e seus colaboradores ricos e poderosos. Em meio a essa situação injusta e opressora, nascem a crítica e a advertência contra os governantes injustos e exploradores:

Escutem, portanto, reis, e compreendam! Aprendam, juízes de toda a terra! Prestem atenção, vocês que governam multidões e se orgulham do grande número de súditos! O governo que vocês têm nas mãos foi-lhes dado pelo Senhor, e o domínio provém do Altíssimo. Ele examinará as obras que vocês praticam e sondará em vocês as intenções. Pois embora sejam ministros do reino dele, vocês não julgaram corretamente, não observaram a Lei, e não agiram de acordo com a vontade de Deus. Ele virá sobre vocês repentinamente e de modo terrível, porque contra os que têm muito poder cabe um julgamento implacável (Sb 6,1-5).

Na mentalidade do mundo bíblico, todo poder vem de Deus e foi confiado à autoridade que deve ser instruída para governar o mundo com justiça (Sb 9,3). Os governantes, na tradição bíblica do Deus dos pobres (Ex 3,7-10; Is 66,1-2), devem priorizar os pobres e os pequenos, salvando-os diante daqueles que exploram e oprimem. Eles, que não agem com justiça, serão julgados e castigados com rigor. São a mensagem e a esperança dos imigrantes judeus, os “filhos de Deus”, que anseiam por sua libertação: “Se realmente o justo é filho de Deus, Deus o ajudará e o libertará da mão de seus adversários” (Sb 2,18).

Mais tarde, a mesma mensagem “a autoridade a serviço de Deus com a prática da justiça” será proclamada na carta aos Romanos (13,1-7). Paulo, que visitou muitas cidades sob a dominação do Império, foi testemunha ocular da vida sofrida e injustiçada do povo escravizado pelos governantes romanos e seus colaboradores ricos:

Nós somos fracos, e vocês são fortes. Vocês estimados, e nós desprezados. Até o presente, passamos fome e sede, estamos malvestidos, somos maltratados, não temos morada certa, e nos cansamos trabalhando com as próprias mãos. Somos amaldiçoados, e bendizemos. Somos perseguidos, e suportamos. Somos caluniados, e encorajamos. Até agora, nos tornamos como o lixo do mundo, a escória de todos (1Cor 4,10b-13).

Paulo mergulhou na vida dos escravos (“trabalhando com as próprias mãos”; 1Cor 4,11-13), que constituíam até dois terços da população nas cidades do império romano. Fez crítica, de forma indireta, aos que se julgavam reis, ricos, fortes, estimados e poderosos, que exploravam os pobres no mundo do império romano. A crítica foi endereçada às autoridades da época do imperador Nero (54-68 d.C.). Seu reinado representou a exploração, a turbulência

e a decadência daquele período da história de Roma: “A criação inteira geme e sofre até agora com dores de parto” (8,22). Nero era cruel e violento: ele possivelmente mandou assassinar a mãe, Agripina, a Jovem, e suas duas esposas, Cláudia Otávia e Pompeia Sabina, por suspeitar que tramavam contra ele. Inaugurou o período das execuções espetaculares, o que incluía o uso de leões e outras feras selvagens para devorar os condenados em arenas públicas.

Paulo, futuramente executado pela autoridade do Império, deve ter endereçado várias advertências às autoridades romanas do tempo de Nero, que ultrapassavam todo limite de violência e de exploração. Porém, durante a repressão violenta aos insurgentes, Paulo devia tomar certa precaução para escrever sua crítica à autoridade que não agia conforme a justiça e o direto. Por isso, em Rm 13,1-7, ele descreve o dever do cidadão diante da autoridade estabelecida por Deus, em vez de uma crítica direta à autoridade injusta e violenta. Ao mesmo tempo, o texto insiste, repetindo várias vezes que o poder vem de Deus a serviço do bem comum, o que é uma crítica indireta às autoridades romanas do governo de Nero.

Comentando o texto: Rm 13,1-7 –
O poder a serviço do bem comum.

Mais de um terço da população da cidade de Roma era constituída de pessoas escravizadas. No mundo greco-romano, não era possível imaginar uma sociedade (cidades e campos) sem escravidão. Tampouco se podia pensar em mudar a sociedade escravagista justificada e sustentada pelas autoridades e pelos poderosos do império romano. As estruturas sociais, bem como a ideologia que as justificava, estavam fortemente consolidadas com a riqueza e o poder do imperador Nero e de todos os seus aliados, no tempo de Paulo.

Paulo, que estava inserido na sociedade escravagista, era consciente da injustiça praticada pelas autoridades e da dura realidade das pessoas escravizadas que faziam parte das comunidades cristãs: “Realmente, do alto do céu se manifesta a ira de Deus contra toda impiedade e injustiça daqueles que com a injustiça sufocam a verdade” (1,18); “Penso, pois, que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que deverá revelar-se em nós” (8,18).

Portanto, o texto político de Rm 13,1-7 descreve o princípio sobre a função da autoridade a serviço do bem comum e não pode ser lido como um texto que legitima o poder de Nero. Ao contrário, ao descrever o ideal da autoridade em vista da justiça, Paulo critica indiretamente a autoridade injusta do governo de Nero e exige dela a promoção da justiça e do direito, para impedir os abusos e a violência. No tempo de violenta repressão do Império, ele descreve, assim, a carta com prudência, evita que a violência do Império se volte contra as comunidades de seguidores e seguidoras de Jesus Cristo.

E mais ainda, a comunidade de Roma, para quem Paulo escreve a carta, poderia ter uma preocupação a mais com a perseguição da autoridade romana. Nesse período, na Palestina, a autoridade romana era desafiada pelos movimentos de luta armada, como os zelotas e os sicários, cada vez mais ativos em vias de explodir a guerra judaica. Para a autoridade de Roma, grande capital do grande Império, os judeus seguidores e seguidoras de Jesus de Roma não se distinguiam dos judeus da Palestina e eram alvo de policiamento e até retaliação. A preocupação de Paulo na carta, por isso, é evitar o confronto com o poder absolutista dos governantes de Roma, causando o mal maior. De fato, é apenas à comunidade de Roma (13,1-7) que Paulo pede que se submetam às autoridades civis.

Romanos 13,1-7 inicia-se com um princípio sobre o fundamento da autoridade e o dever do cidadão: “Cada um se submeta às autoridades constituídas. Porque não existe autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. Portanto, quem se opõe à autoridade, opõe-se ao que Deus estabeleceu. E os que se opõem atrairão sobre si mesmos a condenação. De fato, os que governam não devem ser temidos quando se faz o bem, mas quando se faz o mal. Você não quer ter medo da autoridade? Então pratique o bem, e terá a aprovação dela” (13,1-3).

Seguindo a tradição bíblica, Paulo insiste que o poder vem de Deus a serviço da justiça: “É através de mim que os reis governam e os príncipes decretam leis justas. É através de mim que os governantes governam e os nobres fazem decretos justos” (Pr 8,15-16; cf. Sb 6,3). O poder, por direito, só pertence à natureza e à vontade de Deus em favor da vida. Só ele é Senhor e Juiz absoluto sobre os seres vivos. O poder dos governantes encontra seu fundamento numa participação justa na vontade de Deus, a serviço do bem comum.

Sob o governo justo a serviço do bem comum, o cidadão deve praticar o bem, submetendo-se às autoridades constituídas por Deus. Porém, essa submissão não é cega! Ela se funda na exigência da “consciência” de que a autoridade é constituída por Deus (13,5). Se a autoridade não pratica a vontade de Deus, ou quando faz o mal, ela não deve ser reconhecida, nem “temida” ou honrada. No dizer do sábio do livro da Sabedoria: “Pois embora sejam ministros do reino dele [Deus], vocês não julgaram corretamente, não observaram a Lei, e não agiram de acordo com a vontade de Deus. Ele virá sobre vocês repentinamente e de modo terrível, porque contra os que têm muito poder cabe um julgamento implacável” (Sb 6,4-5). Por isso, o cidadão consciente

não deve praticar obediência acrítica a qualquer ordem que a autoridade política possa decidir dar.

A seguir, Paulo resume e reitera o dever do governo justo e do cidadão consciente: “Pois ela [autoridade] está a serviço de Deus para o bem de você. Mas se você pratica o mal, então tema, porque não é à toa que ela carrega a espada; a autoridade está a serviço de Deus para punir com justiça quem pratica o mal. Portanto, é preciso submeter-se não só por medo do castigo, mas também por dever de consciência” (13,4-5). A responsabilidade da autoridade diante de Deus é fazer o bem do povo e punir com “espada” (símbolo do poder político) quem pratica o mal, destruindo uma sociedade justa e fraterna.

O dever do cidadão consciente é pagar impostos para as autoridades, “ministros de Deus”, que agirem como instrumentos de Deus: “É também por isso que vocês pagam impostos, pois as autoridades são funcionários de Deus, e se aplicam em desempenhar esta sua função. Deem a cada um o que lhe é devido: o imposto a quem devem imposto, a taxa a quem devem taxa, o temor a quem devem temor, a honra a quem devem honra” (13,6-7). Segundo o princípio fundamental do Antigo Testamento, os impostos devem ser utilizados para manter o governo justo a serviço do bem comum, sobretudo prestando ajuda aos pobres sofredores (cf. Ml 3,1-12; Mc 12,17; 1Pd 2,17).

Enfim, o texto de Rm 13,1-7 não pode ser interpretado como uma legitimação da autoridade injusta e violenta do império romano. Pelo contrário, no contexto do Império de Nero, o texto apresenta um princípio crítico sobre a concepção e a função da autoridade à luz do Antigo Testamento: o poder vem de Deus que é o único e o verdadeiro Senhor do mundo. Ele delega seu poder para seus “ministros” (autoridades) da terra que se encarregam de administrar a justiça a serviço do bem comum, sobretudo

para “pobres e miseráveis”, isto é, injustiçados por sua fidelidade a Deus (Sb 2,10-20).

Ao apresentar o ideal da autoridade justa, Paulo, conhecedor do mal praticado pelo império romano e sua brutal perseguição, critica indiretamente o governo injusto e violento de Nero, culpabilizando a atual autoridade política pelo sofrimento do povo. No fundo, Rm 13,1-7 é uma reflexão sobre a função da autoridade e uma orientação pastoral para a comunidade de Roma sobre como ela se relaciona com o poder vigente, em meio à situação de silêncio imposto pelo Império: submeter-se por dever de consciência, mantendo a fidelidade somente a Jesus Cristo e praticando o amor ao próximo dentro e fora da comunidade (12,3-21).

Paulo estava marcado por seu tempo. A distância que nos separa dele é muito grande. Não é justo legitimar a autoridade injusta e corrupta de hoje segundo a leitura fundamentalista de Rm 13,1-7. Hoje, temos acesso ao poder pelo voto (democracia), através do qual delegamos aos nossos eleitos o poder de legislar e governar em vista do bem comum, construindo uma sociedade justa e fraterna. É importante fazer a reflexão sobre a fé cristã consciente e a política, e estabelecer a autoridade a serviço do bem comum.

Aprofundando: *Jesus de Nazaré e as autoridades do seu tempo*

Paulo retoma o hino do culto cristão primitivo a Jesus Messias que salienta a humanidade de Jesus Cristo (Jesus de Nazaré) e sua humilhação/exaltação na cruz:

Ele estava na forma de Deus, mas renunciou ao direito de ser tratado como Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo e tomou a forma de servo [escravo],

tornando-se semelhante aos homens. E encontrado na figura de homem, rebaixou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até à morte, e morte de cruz (Fl 2,6-8).

Jesus de Nazaré, o Verbo encarnado (Jo 1,14), que viveu e caminhou junto com os pobres sofredores (escravos), foi julgado pelo Sinédrio, a corte suprema do povo judeu, e condenado e morto pela autoridade do império romano. A morte de Jesus foi “escândalo”: “Os judeus pedem sinais e os gregos buscam sabedoria, ao passo que nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações” (1Cor 1,22-23).

Cristo crucificado... Jesus foi condenado à morte de cruz, uma pena que só um tribunal romano podia utilizar para os criminosos e os subversivos. A responsabilidade da autoridade romana pela morte de Jesus é inegável. Jesus foi criminoso e subversivo? Ele entrou em conflito com as autoridades do seu tempo? Qual a posição de Jesus em relação ao poder? Desde o tempo das primeiras comunidades, a pergunta “por que o Império condenou e executou Jesus de Nazaré?” atravessa milênios e continua em discussão. Para responder a essas perguntas é preciso, primeiramente, situá-las no contexto sócio-histórico em que Jesus viveu.

1. Situando na história

Desde 63 a.C., os romanos dominaram a Palestina com a sua Legião, a unidade militar do exército romano (Mc 5,9). O povo judeu passou a pagar tributos para o Império e a sofrer com a violência do poderio militar. No dia a dia, sofreu com a cobrança abusiva de impostos, do monopólio do comércio, do abuso do poder público, o que transparece na pregação reconstruída de João Batista: “Chegaram também alguns cobradores de impostos para serem batizados. Disseram a João: ‘Mestre, o que devemos

fazer?’ Ele lhes disse: ‘Não cobrem nada além do que foi estabelecido’. Alguns soldados também lhe perguntavam: ‘E nós, o que devemos fazer?’ Disse-lhes: ‘Não maltratem ninguém com violência ou ameaça, não façam acusações falsas, e fiquem contentes com seu salário’” (Lc 3,12-14).

A cobrança abusiva de impostos, o abuso do poder público, a violência, a exploração... Certamente a família de Herodes (o poder civil) e o Sinédrio com o Templo (o poder religioso) foram os pilares que sustentaram e alimentaram a exploração do Império na Palestina. Em torno do ano 40 a.C., por sua fidelidade às políticas do imperador Augusto, Herodes Magno, um idumeu, inimigo dos judeus, foi reconhecido como rei dos judeus, exercendo o governo de forma tirânica e opressora.

Em especial, o sistema de fiscalização de impostos, implantado por Herodes e seus partidários, era muito rígido e abusivo. O povo devia pagar para os romanos o imposto de 25% das colheitas, o pedágio para a circulação de pessoas e mercadorias, e dedicar um tempo de trabalho forçado para as tropas e as obras públicas. Além dos impostos para o poder civil, o povo judeu tinha que pagar os impostos religiosos do Templo de Jerusalém: o imposto pessoal – estipulado em um denário, o equivalente à diária de um trabalhador –, os vários dízimos (colheitas), a oferta e o sacrifício de purificação etc. Ainda, os governantes religiosos estavam envolvidos com extorsão e ladroerias, transformando o Templo num “covil de ladrões” (Mc 11,17).

Cresceu o número de pessoas endividadas, escravizadas e endemoninhadas na Galileia, a terra de Jesus. O cenário era de pobreza, de doença e de morte – os males causados pelos demônios, segundo a religiosidade popular daquele tempo (Mc 1,32-39). Nesse caldeirão de exploração e sofrimento surgiram vários movimentos de resistência às autoridades injustas e violentas. Um deles foi o movimento de Jesus de Nazaré, que caminhou junto

com o povo sofrido: “Quando Jesus desceu da barca, viu uma grande multidão e se encheu de compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas” (Mc 6,34). Foi um homem que ensinou um relacionamento social e religioso baseado na compaixão, na partilha, na solidariedade e na justiça, o que o levou a um confronto com as autoridades corruptas e injustas e, conseqüentemente, à cruz.

2. Jesus de Nazaré morto pelo Império

Nem sempre é fácil descrever o Jesus histórico e sua vida. Nos evangelhos, misturam-se as atividades de Jesus e as interpretações feitas, posteriormente, pelas comunidades cristãs à luz da fé em Jesus Cristo ressuscitado. Mas é inegável que Jesus seja originário da aldeia de Nazaré e tenha passado a maior parte da sua vida adulta pregando, atuando e andando de uma aldeia para outra na Galileia. Seus atos, ensinamentos, ditos e parábolas eram enraizados nas experiências da vida camponesa da sua terra, alimentados pela tradição profética e sapiencial do Antigo Testamento. Eis algumas palavras e práticas de Jesus em relação a poder, autoridade, sociedade injusta:

- a) *Poder*: “Então, chamando-os para junto de si, Jesus lhes disse: ‘Vocês sabem que aqueles que são vistos como governantes das nações as dominam, e seus grandes as tiranizam. Mas entre vocês não deve ser assim. Ao contrário, quem de vocês quiser ser grande, seja o servidor de vocês. E quem de vocês quiser ser o primeiro, seja o servo de todos’” (Mc 10.42-44). Na tradição bíblica, o poder vem de Deus para o serviço da justiça e da vida (Pr 8,12-16; Sb 6,3; 9,1-3). Jesus acusa e critica os poderes tiranos vigentes.

- b) *Pobres esmagados e fome de justiça*: “Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus. Felizes vocês, que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes vocês, que agora choram, porque hão de sorrir” (Lc 6,20-21). As bem-aventuranças são um anúncio de felicidade aos pobres (Is 61,1). Ao mesmo tempo, elas são a denúncia da sociedade injusta e opressora, controlada pelo poderio romano.
- c) *Abrigo de ladrões*: “Jesus entrou no Templo e começou a expulsar os vendedores e compradores que aí estavam. Derrubou as mesas dos que trocavam moedas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E não deixava ninguém transportar nada pelo Templo. Jesus os ensinava, dizendo: ‘Não está escrito: Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos? No entanto, vocês a transformaram em abrigo de ladrões!’” (Mc 11,15-17). Citando a palavra de Jeremias (Jr 7,11), Jesus critica o Sinédrio, denunciando o uso da religião para explorar o povo. É o ato que resultaria na morte de Jesus: “Ouvindo isso, os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei procuravam uma maneira de acabar com Jesus” (Mc 11,18).
- d) *O imposto a César*: “Jesus, porém, conhecendo a hipocrisia deles, disse-lhes: ‘Por que vocês me põem à prova? Tragam-me uma moeda, para que eu a veja’. Eles a levaram, e Jesus perguntou: ‘De quem é esta imagem e inscrição?’ Responderam-lhe: ‘De César’. Então Jesus lhes disse: ‘Devolvam a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus’” (Mc 12,15-17). A pergunta de Jesus “De quem é esta imagem?” já mostra a sua desaprovação da autoridade do imperador. Os impostos (a César e a Deus) só são justos quando revertem em serviço do bem comum do povo (Mt 3,1-12).

Tudo isso leva Jesus de Nazaré à cruz. Apesar de estar ciente do perigo da morte, Jesus, com muita sensibilidade e amor ao próximo, caminhou à cruz: “Abba, Pai! Para ti tudo é possível. Afasta de mim este cálice. Porém, não o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc 14,36). A cruz de Jesus é o resultado da sua fidelidade ao projeto (“Novo Céu e Nova Terra”; cf. Is 65,17-25; Ap 21,1- 22,15) de Deus e compromisso com seus irmãos até o fim. É o resultado do que ele pregou e do que ele fez: “Eu, Javé, chamei você para a justiça, tomei-o pela mão, e lhe dei forma. E o coloquei como aliança de um povo e luz para as nações, para você abrir os olhos dos cegos, para tirar os presos da cadeia, e do cárcere os que vivem no escuro” (Is 42,6-7; cf. 52,13-53,12).

A pergunta “como podemos seguir Jesus de Nazaré?” atravessa milênios e continua esperando por nossa resposta, no mundo injusto e violento dos impérios de hoje. Se muitos de nossos irmãos se encontram explorados, oprimidos e encurvados, é nosso dever cristão levantá-los para que vivam com dignidade humana. Pois a pessoa cristã é aquela que se apaixona por Jesus (sua palavra e vida), liberta as pessoas dos males (poderio dos impérios) e continua a obra da expansão do Reino de Deus, o mundo de solidariedade e de fraternidade: “Abba, Pai! Para ti tudo é possível. Afasta de mim este cálice. Porém, não o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc 14,36).

QUARTO ENCONTRO



TEMA: Os gemidos, o Espírito, a esperança e o mundo novo.

PERSONAGENS: Paulo e a comunidade.

TEXTO: 8,18-27.

PALAVRAS-CHAVE: sofrimento, criação, filhos de Deus, esperança, escravidão, liberdade, gemido, Espírito, redenção.

PERSPECTIVA: Renovar nossa esperança na certeza de que o Espírito conduz, ilumina e fortalece a nossa caminhada em busca de justiça e vida digna para a casa comum, reavivando a missão do ser humano de “cuidar e cultivar o jardim” (Gn 2,15).

“A criação inteira geme e sofre até agora com dores de parto” (8,22).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro do encontro uma Bíblia aberta, uma vela acesa, uma planta, cartelas com as palavras-chave do texto que será refletido, e vasilhas com terra e água.
- Fazer um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciamos nosso encontro com uma ação de graças por toda a criação: o ar que respiramos, o sol que nos aquece, a chuva que torna a terra fértil e agradável à nossa vida, as árvores e matas que embelezam nossas regiões, os animais e os seres que povoam a Terra. Sonhamos com um mundo novo, no qual a paz e a justiça florescerão. Cantemos:

Irá chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar. E nesse dia os oprimidos numa só voz a liberdade irão cantar.

Na nova terra o negro não vai ter corrente, e o nosso índio vai ser visto como gente! Na nova terra, o negro, o índio e o mulato, o branco e todos vão comer do mesmo prato!

Na nova terra a mulher terá direitos, não sofrerá humilhação nem preconceitos. O seu trabalho todos vão valorizar. Nas decisões, ela irá participar!

Na nova terra todos terão moradia e pão à mesa, onde a vida se refaz. Quem persistir irá viver o grande dia da liberdade, da justiça e da paz!

A raça negra vem à luta em mutirão, que o Quilombo dos Palmares renascido. Não ao racismo, pelo fim da escravidão e da miséria deste povo tão sofrido!

Na nova terra os povos, todos irmanados, farão da vida um bonito amanhecer. Com a cultura e os direitos respeitados, com igualdade no direito de viver.

Dirigente: No encontro anterior, refletimos sobre o respeito às autoridades constituídas por Deus e assumimos como compromisso ver quais os direitos que não estão sendo respeitados em nosso meio. Alguém gostaria de partilhar como foi a vivência do gesto concreto? (*Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto. Sugestão: **Lutar e crer, vencer a dor, louvar ao Criador. Justiça e paz hão de reinar e viva o amor!***)

Dirigente: Na reunião de hoje, refletiremos sobre a realidade que vivemos e renovaremos nossa missão de cuidar da casa comum. Vamos ler, em voz alta, o tema do nosso encontro: *Os gemidos, o Espírito, a esperança e o mundo novo.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: O papa Francisco diz que o “grito dos pobres e o grito da Terra” estão intimamente interligados. O empenho pelos bens comuns, por justiça recriadora e pela defesa da vida de toda a criação passa a ser o “lugar teológico”, ao qual Deus nos convoca e nos oferece a sua graça. O papa Francisco, na Exortação Apostólica *Laudate Deum*, convida todos os povos a lutarem por justiça socioambiental e a tomarem decisões essenciais de cuidado com a Casa Comum. Essas decisões deixadas apenas aos governantes já se revelaram insuficientes. A atuação social e política dos cristãos se torna essencial.⁶

⁶ Texto Base da Campanha da Fraternidade. *Fraternidade e ecologia integral*: “Deus viu que tudo era muito bom” (Gn 1,31). CNBB, Brasília, 2024. N.123.

Dirigente: Cada vez mais estamos vendo e sentindo os efeitos do aquecimento global. Quase não há políticas de melhorias para o meio ambiente e prevenção de enchentes ou outras catástrofes naturais. Como pessoas cristãs, qual a nossa ação a serviço da preservação da Casa Comum? *(Tempo para conversar. Encerrar este momento com o refrão de um cântico escolhido pelo grupo.)*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: No tempo de Nero (54-68 d.C.), ditador sanguinário, escuta-se o gemido de fome, dor, sofrimento e desespero de milhares de pessoas afetadas pela exploração e pela violência do Império. Também há o gemido da criação (“fracasso” da natureza), sujeita à maldade dos humanos (8,20) e destruída pelas guerras e pelo progresso da civilização romana (1,29; cf. Ap 6,1-8; cf. Os 4,1-3). Diante disso, a comunidade cristã (“primeiros frutos do Espírito”; 8,23) se questiona: Se Jesus é o Salvador, por que precisamos sofrer? Por que a libertação, o mundo novo, não se concretiza para nós? Em Rm 8,18-27, Paulo descreve os gemidos da criação e dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo, que sofrem com o poderio do Império e esperam ansiosamente pela implantação do mundo novo com o “gemido” (a ação e a orientação) do Espírito, confiantes na vida e prática de Jesus Cristo. São os gemidos de esperança pela libertação e pela vida como parto do mundo novo.

5. Leitura do texto

Dirigente: Vamos pedir que o Deus da vida abra nossos lábios e nosso coração para acolhermos a sua Palavra e fazê-la frutificar em nossa vida. Somos todos responsáveis pela Casa Comum. Cantemos:

*Abre, Senhor, os meus lábios, pois quero entoar a canção que vem da fonte da vida, e toma o meu coração. **Abre, Senhor, os meus lábios e toma o meu coração.** Tu és rochedo que salva, nas águas do mar desta vida. É teu o abismo profundo, é tua a montanha infinita.*

Leitora ou leitor 3: *(Ler Rm 8,18-27.)*

Dirigente: *(Para conversar.)*

- a) Quais são os gemidos da criação e dos cristãos?
- b) Qual a função do Espírito de Jesus Cristo na realidade sofrida de seu tempo?
- c) Como nasce e renasce a esperança?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Vemos ao nosso redor vários indícios de destruição da Casa Comum, desrespeito e desvalorização da vida; mas, ao mesmo tempo, constatamos inúmeras pessoas, dentro e fora de nossas comunidades, que não medem esforços para que haja a realização da justiça e de melhores condições de vida para todas as pessoas.

- a) Como percebemos a presença do Espírito de Deus nos fortalecendo em nossas dores e lutas do dia a dia?
- b) Quais as consequências para o ser humano que vive em um mundo repleto de informações e desinformações, especialmente no que se refere ao cuidado com a Casa Comum (ecologia)?
- c) Quais são os sinais que mostram o surgimento de um mundo novo?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Façamos a nossa profissão de fé em um mundo novo. Podemos olhar as palavras que estão à nossa frente, repeti-las e acrescentar a nossa prece. (*Tempo para as preces.*)

Dirigente: Que o Deus da vida nos ajude a cuidar e a preservar a vida em todas as instâncias. De mãos dadas, rezemos:

Todas/os: Pai nosso...

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, leiam Rm 8,31-39, e, quem puder, leia as orientações em preparação para o quinto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima. (*Se desejar, o grupo poderá organizar um lanche comunitário no último encontro.*)

9. Gesto concreto

Dirigente: Vamos ler um artigo ou uma notícia sobre política socioambiental. (*Sugestão: Exortação Apostólica Laudato Si'.*) Vejamos o que estamos fazendo para preservar o meio ambiente e quais as ações que existem na nossa comunidade e na nossa cidade em defesa do meio ambiente.

10. Bênção final

Dirigente: Que Deus nos dê sensibilidade para percebermos que somos terra e água e que a nossa missão é “guardar e cultivar o jardim”. (*Neste momento, passar a vasilha com terra e a outra com água, pedindo a bênção de Deus Pai e de Jesus Cristo Nosso Senhor para a nossa vida.*)

Todas/os: Amém.

Orientações para o quarto encontro

Situando o texto: *Gemidos dos pobres e gemido da terra*

O mito da criação, segundo a tradição judaico-cristã, atesta que o ser humano está intrinsecamente relacionado com a terra (natureza) e deve cuidar dela para manter o jardim do Éden, o jardim de Deus, em função da vida:

Javé Deus modelou o homem com o pó do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente. Javé Deus plantou um jardim em Éden, no Oriente, e aí colocou o homem que havia modelado. Javé Deus fez brotar do solo todas as espécies de árvores agradáveis de ver e boas para comer, e no centro do jardim a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Javé Deus colocou o homem no jardim de Éden, para que o cultivasse e o guardasse (Gn 2,7-9.15).

O ser humano (*'adam*, em hebraico), que é modelado a partir da terra (*'adamah*), cultiva e cuida da terra, para manter o jardim (paraíso) de Deus. Existe uma conaturalidade ou íntima relação entre a criação (natureza), o ser humano e Deus. O ser humano e a criação participam da harmonia, paz, vida e glória de Deus. Porém, se o ser humano usa o conhecimento para acumular, dominar e explorar seus irmãos e a criação, ele provoca desarmonia, injustiça, violência, destruição, trazendo sofrimento e morte para todos. A harmonia entre o ser humano, a criação e Deus acaba e aparecem as negatividades da vida (Gn 3,1-24).

O mito da criação de Gn 2,4b-3,24 nasceu da realidade sofrida das comunidades camponesas que experimentaram

exploração, violência, opressão e morte, causadas pelos governantes, que abusaram do conhecimento em função do poder e da riqueza. A história de Israel testemunha diversos males praticados pelos governantes, os quais atingiram o povo e a criação no planeta.

O profeta Oseias denuncia os crimes dos governantes de Israel Norte, nos anos 740-720 a.C. Por volta do ano 740 a.C., a Assíria reaparece como grande potência, impondo a política de vassalagem (dominação) sobre os países conquistados. Em Israel Norte se formam duas facções em busca do poder: uma favorável à Assíria e outra contrária, gerando intrigas na corte e guerras internas (Os 7,3-7). Em duas décadas, seis reis ocupam o trono de Israel Norte, dentre os quais quatro são assassinados (2Rs 15,8-31; 17,1-4). A instabilidade política reflete também nos crimes do dia a dia: “O ladrão invade a casa, enquanto uma quadrilha assalta do lado de fora” (Os 7,1). Os crimes atentam contra a dignidade do ser humano e ameaçam todas as formas de vida:

Ouçam a palavra de Javé, filhos de Israel! Javé abre um processo contra os habitantes da terra, pois não há mais fidelidade, nem amor, nem conhecimento de Deus na terra. Há juramento falso e mentira, assassinio e roubo, adultério e violência, e sangue derramado se ajunta a sangue derramado. Por isso, a terra geme e seus habitantes desfalecem; os animais do campo, as aves do céu e até os peixes do mar estão desaparecendo (Os 4,1-3).

Tanto a terra como seus habitantes sofrem as causas da violação do conhecimento de Deus. Com a infidelidade a Deus, o criador do paraíso e da fraternidade, os governantes (sacerdotes, profetas e reis) promovem a corrupção e perversão em todo o país: “Ouçam isto,

sacerdotes! Preste atenção, casa de Israel! E que a casa do rei possa ouvir! Contra vocês é o julgamento! Vocês se tornaram armadilha preparada em Masfa, rede armada sobre o Tabor; e fosso profundo em Sitim. Mas sou eu quem castigo a todos” (Os 5,1-2). Os gemidos da terra machucada ecoam desesperadamente na espera da intervenção do Deus da justiça: “sangue derramado se ajunta a sangue derramado”.

No ano 587 a.C., a segunda revolta de Judá, promovida pela política militarista e expansionista do rei Sedecias para aumentar o poder e a riqueza, provocou violenta reação do exército de Nabucodonosor, rei dos babilônios. O exército saqueou as aldeias e as cidades, e devastou a terra (natureza) no caminho à capital, Jerusalém. A cidade santa foi destruída, e o “resto” da população pobre foi deportado. Os exilados caíam em estado de desespero, sem perspectiva de vida, descritos como “ossos secos” (Ez 37,1-2). Jeremias, o profeta dos camponeses, que presenciou o sofrimento, a morte da população e a devastação da terra, acusou a infidelidade dos governantes à Lei de Deus:

Sobre as montanhas desato a chorar e a gemer. Sobre as pastagens da estepe, meu lamento, pois tudo está queimado. Por aí não passa mais ninguém; já não se escuta o barulho do gado. Desde as aves do céu até os rebanhos, todos fugiram e desapareceram. Quem será sábio para entender tudo isso? A quem foi que Javé falou, para que o explique? Por que a terra ficou destruída, desolada como deserto, por onde não passa ninguém? Javé responde: Foi porque eles abandonaram a Lei que eu lhes tinha dado, desobedeceram à minha palavra e não a seguiram (Jr 9,9.11-12).

O oráculo, escrito após a queda de Jerusalém no ano 587, descreve a devastação de Judá e de Jerusalém. Expressa a lamentação sobre a perda de vidas humanas e a destruição da natureza na guerra, porque os governantes injustos e corruptos de Jerusalém não seguem a Lei do Deus Criador, a lei da vida. Os gemidos de toda a criatura ecoam em Judá e na capital: “Jerusalém pecou gravemente e tornou-se impura. Os que antes a honravam, a desprezam vendo-lhe a nudez. Até ela, gemendo, vira-se de costas” (Lm 1,8).

Por volta do ano 30 a.C., Alexandria, no Egito, passa a ser administrada pelo império romano com seu poderoso exército, a legião romana, que intensifica sua busca de poder e riqueza por meio da *Pax Romana*, promovendo guerras e perseguindo os pobres e os estrangeiros (Sb 1,16-2,14). A situação dos imigrantes judeus da Alexandria e de todo o território do Egito se agrava radicalmente com a perda de espaços na sociedade, o aumento da pobreza, a ameaça de discriminação e perseguição etc. Os sinais de morte se espalham e os gemidos dos pobres sofredores ecoam no país. Sábios judaicos da Alexandria levantam a voz diante dessa ameaça de morte:

Não busquem a morte no erro da vida de vocês, nem provoquem a ruína com as obras que praticam, pois Deus não fez a morte, nem se alegra com a destruição dos seres vivos. Ele tudo criou para que exista. As criaturas do mundo são sadias, e nelas não há veneno de ruína. O mundo dos mortos não reina sobre a terra. Porque a justiça é imortal (Sb 1,12-15).

A terra, bem como os seres vivos, sofrem a injustiça praticada pelos governantes (Sb 1,1-5). Os sábios lhes exigem a prática da justiça segundo o espírito do Deus

Criador: “Pois o espírito do Senhor enche o universo. Ele, que sustenta tudo o que existe, tem conhecimento de tudo o que se diz. Por isso, ninguém que diga coisas injustas escapará, e a justiça reprovadora não o poupará. Haverá investigação dos projetos do ímpio; o eco de suas palavras chegará ao Senhor, e seus crimes serão reprovados” (Sb 1,7-9). Porque a justiça é imortal!

No tempo de Paulo, o império romano intensifica ainda mais sua busca por poder e riqueza com as guerras de conquista e repressão, o monopólio do comércio, os impostos abusivos, a religião do Império etc., semeando a morte na região, provocando gemidos dos fiéis à Palavra de Deus: “Quando o Cordeiro abriu o quinto selo, eu vi debaixo do altar as vidas daquelas pessoas que tinham sido imoladas por causa da Palavra de Deus e por causa do testemunho que tinham dado. Elas bradaram em alta voz: ‘Senhor santo e verdadeiro, até quando ficarás sem julgar? Não vais vingar o nosso sangue contra os habitantes da terra?’” (Ap 6,9-10).

Em Romanos 8,18-27, Paulo descreve os gemidos da criação e dos seguidores e das seguidoras de Jesus Cristo, que sofrem com o poderio do Império e esperam ansiosamente pelo mundo novo com a orientação do Espírito, a palavra, a prática e a vida de Jesus Cristo. São os gemidos de esperança pela libertação e pela vida como parto do mundo novo.

Comentando o texto: *Rm 8,18-27 – Os gemidos, o Espírito e a esperança*

Paulo descreve a sociedade escravagista do Império, marcada pelo espírito da helenização (instintos egoístas) de busca desenfreada por bens, poder, prazer e honra: “Encheram-se de todo o tipo de injustiça, maldade, cobiça e malícia, repletos de inveja, assassínios, brigas, fraudes

e perversidades” (1,29). No tempo de Nero (54-68 d.C.), ditador sanguinário, escuta-se o gemido de fome, dor, sofrimento e desespero de milhares afetados pela exploração e violência do Império, ou o gemido da criação (natureza) destruída pelas guerras e pelo progresso da civilização romana (Ap 6,1-8).

É impossível no dia a dia não escutar o gemido de um pobre sofredor, nem sentir a dor de tantos escravos crucificados injustamente. É um mundo oposto ao Reino de Deus (“glória” e “salvação”), proposto e sonhado pelas comunidades cristãs com a presença de grande número de escravos. No dizer de Paulo: “Penso, pois, que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que deverá revelar-se em nós” (8,18). A glória ou salvação de Deus, que só será total e definitiva no final dos tempos (1Cor 15), se realiza desde agora por uma vida nova (6,4), o reino da justiça e da vida, segundo o Espírito de Jesus Cristo (8,5-13).

Por isso, o mundo da crueldade causa e aumenta ainda mais a angústia e o gemido dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo, filhos de Deus, que têm a fé em Jesus Cristo morto e ressuscitado e seu Espírito, que os levariam para a liberdade, a vida, o mundo novo, a salvação e a glória de Deus (8,14-17). Eles se perguntam: Se Jesus é o Salvador, por que temos de sofrer? Por que a libertação, o mundo novo da humanidade e da criação, não se concretiza para nós? A tensão para a liberdade, para o mundo novo de Deus, é descrita por Paulo com a imagem do parto: os gemidos da criação e dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo (“primeiros frutos”; 8,23). Eles sofrem com o parto do mundo novo, na perspectiva da esperança ativa no gemido (ação) do Espírito (a palavra, a prática e a força de Jesus Cristo) que indica o caminho da libertação e gera a vida nova.

Primeiro, Paulo descreve o gemido da criação, submetida ao mundo injusto e violento por estar sujeita à ação humana: “Porque a criação espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus. Na verdade, a criação ficou sujeita ao fracasso, não porque quis, mas por vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que também ela seja libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois bem, sabemos que a criação inteira geme e sofre até agora com dores de parto” (8,19-22).

A tradição bíblica atesta que a criação está sob as ações do ser humano; ou então afirma que a destruição da criação vem do pecado (injustiça e violência) dos humanos (cf. Gn 1-3). No dizer do profeta Jeremias, que presencia a devastação da terra, causada pela guerra promovida pela ambição dos humanos: “Meu povo é tolo. Não me conhecem, são filhos insensatos, que não percebem as coisas. São peritos para fazer o mal, mas não sabem praticar o bem. Olhei para a terra: estava sem forma e vazia. Olhei para o céu, e não havia luz. Olhei as montanhas: elas tremiam, e todas as colinas se abalavam. Olhei: não havia mais ninguém, e todas as aves do céu haviam fugido” (Jr 4,22-25; cf. Os 4,1-3).

A criação, submetida à desordem e à destruição por causa do pecado dos humanos, espera ser libertada do uso abusivo e egoísta (“a escravidão da corrupção”). Espera participar da salvação junto com os filhos de Deus, guiados pelo Espírito de Jesus Cristo, a serviço do bem comum. É a espera/esperança pela salvação que causa o gemido com o parto do mundo novo, o Reino de Deus: “Como a mulher grávida na hora de dar à luz, contorcendo-se e gemendo nas dores do parto, assim nos encontrávamos, ó Javé, em tua presença” (Is 26,17).

Segundo, o gemido dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo é abordado após o gemido da criação. Ambos

fazem parte da obra de Deus e estão envolvidos no processo de dar à luz o mundo novo: “E não somente ela [criação], mas também nós que temos os primeiros frutos do Espírito. Gememos interiormente, esperando ansiosos a redenção do nosso corpo. Pois na esperança já fomos salvos. Uma esperança que se vê, não é mais esperança. Quem é que espera uma coisa que já está vendo? Mas se esperamos o que não vemos, é na perseverança que ansiosamente o aguardamos” (8,23-25).

Os cristãos, filhos de Deus, têm os primeiros frutos (primícias) do Espírito, pela fé na cruz e na ressurreição de Jesus Cristo, e devem praticar a justiça e o amor do seu Senhor. Esperam ser libertos de toda exploração e opressão que escravizam seus corpos, a fim de sempre mais construir o mundo novo, ou seja, entrar na “liberdade da glória dos filhos de Deus” segundo a glória de Cristo ressuscitado (8,21). É a esperança/espera da libertação e vida no mundo novo definitivo, o Reino de Deus.

A esperança, a esperança, a esperança... Paulo repete e salienta a força da esperança que é a resposta do ser humano à promessa divina a ser cumprida. Porém, a esperança, que está junto com a fé e o amor como as principais virtudes cristãs, deve ser ativa e produtiva na construção do Reino de Deus: “Lembramos a obra da fé, o esforço do amor e a constância da esperança que vocês têm no Senhor nosso Jesus Cristo, diante de Deus nosso Pai” (1Ts 1,3). A esperança com esforço e persistência!

Terceiro, Paulo descreve o gemido do Espírito, dinamismo de ação, que discerne e orienta o caminho da libertação da criação inteira: “Desse modo, vem o Espírito em socorro de nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir. É o próprio Espírito que intercede com insistência por nós, com gemidos que não se exprimem. E aquele que sonda os corações sabe qual é o desejo do

Espírito, pois é de acordo com Deus que o Espírito intercede em favor dos santos” (8,26-27).

O Espírito de Jesus Cristo, que passou da morte para a ressurreição pelo amor ao próximo, liberta os seguidores e seguidoras de Jesus Cristo do instinto egoísta (a carne) e os faz viver no Espírito de Deus: “Ora, o desejo da carne leva para a morte, enquanto o desejo do Espírito leva para a vida e a paz. Isso porque o desejo da carne é inimigo de Deus, já que não se submete à lei de Deus” (8,6-7). Com os “gemidos”, ou seja, a “ação” do Espírito de Jesus Cristo (amor e justiça), quem está no caminho de Jesus Cristo (santos) segue o caminho de Deus, libertando-se da “corrupção” da carne que escraviza a criação inteira.

O gemido da criação, o gemido do cristão, o gemido (ação) do Espírito... Os gemidos nascem do parto doloroso em vista da realização do mundo novo, onde não haverá mais a injustiça, a maldade, a cobiça, a violência e a morte da criação inteira. Pois o projeto de Deus é construir a nova humanidade a serviço de toda a criação, segundo a palavra e a vida do primogênito Jesus Cristo: “E nós sabemos que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o projeto dele. Pois aqueles que Deus antecipadamente conheceu, a esses também predestinou a terem a mesma imagem do seu Filho, de modo que o Filho seja o primogênito entre muitos irmãos” (8,28-29). É a certeza da esperança cristã pelo mundo novo, a salvação e a glória de Deus, onde não haja mais os gemidos de toda a criação.

Aprofundando: *“Novos céus e nova terra”
nascem dos gemidos de toda a criatura*

O livro de Jó descreve, por volta do ano 450 a.C., a situação de exploração dos pobres e da terra: o roubo

da terra e dos animais, a opressão nos diversos setores da vida da população, o processo de escravização e o endividamento:

Muitos mudam os marcos das divisas, roubam os rebanhos e os levam a pastar. Levam embora o jumento que pertence ao órfão, e penhoram o boi que é da viúva. Eles desviam os indigentes para fora do caminho, e todos os pobres da terra têm de se esconder. Como asnos selvagens no deserto, eles saem para o trabalho; desde o amanhecer vão em busca de alimento, e a estepe dá o pão para seus filhos. Fazem a colheita no campo, e recolhem as sobras na vinha do ímpio. Ficam molhados com as chuvas das montanhas e se apertam entre os rochedos por falta de abrigo. Arrancam o órfão do peito materno e penhoram quem é pobre (Jó 24,2-6.8-9).

Os ímpios (os governantes e poderosos) deslocam os marcos e roubam a terra: o ato violento atinge a terra, a base da vida dos agricultores, que eram mais de 90% da população daquele tempo. A terra, como obra de Deus, deve alimentar a vida e ser salvaguardada (Nm 26,52-56). Não deve ser roubada, acumulada e explorada em função do lucro e do poder: “Não encolha os limites do terreno do seu próximo. Eles foram colocados pelos pais na herança que você vai receber na terra que Javé, o seu Deus, lhe dá para que você a possua” (Dt 19,14; cf. Dt 27,17).

O roubo do rebanho também atinge a sobrevivência da família agrícola, sobretudo dos mais sofridos: órfãos e viúvas (Ex 22,21; Dt 24,17). Os animais, a criação de Deus, não devem ser o objeto da ganância e da injustiça, mas, sim, favorecer a sobrevivência e a convivência do ser humano: “Assim, você terá ovelhas que lhe darão roupa e cabritos para comprar um campo, e as cabras

darão leite suficiente para alimentar você, sua família e suas criadas” (Pr 27,26-27). Há uma íntima relação entre o ser humano e a criação na vida dos camponeses (cf. Sl 104,13-14).

Os camponeses empobrecidos, sem terra e sem animais, são obrigados a trabalhar no campo do ímpio ou poderoso, submissos ao trabalho de escravos por um pedaço de pão, e vivem em condição de indigência, sem roupas e moradia. A situação injusta de extrema pobreza faz penhorar as crianças e arranca até o nenê do seio materno. A injustiça e a violência dos ímpios ainda atingem diretamente os pobres e indigentes no dia a dia: “O assassino se levanta ainda de madrugada, para matar o pobre e o indigente, e durante a noite vem como ladrão” (Jó 24,14). Os gemidos da terra! Os gemidos dos pobres: “Na cidade os mortais gemem e os feridos pedem socorro” (Jó 24,12). O fim de tudo?

Não! Os gemidos são, ao mesmo tempo, sinais de vida e de esperança. Os pobres clamam pela vida e se dirigem ao Deus da vida, “protetor” (Goel): “Eu sei que o meu protetor está vivo e que no fim se levantará sobre o pó” (Jó 19,25). É o Deus libertador dos pobres que caminha com eles na história, rumo à libertação e ao mundo novo de vida e de paz (Is 61,1-3). No dizer do Terceiro Isaías (Is 56-66), o grupo profético do tempo de Jó, que capta os gemidos e a esperança dos pobres e anuncia o mundo novo: “Vejam! Eu vou criar céus novos e terra nova. As coisas antigas não serão lembradas, nem subirão ao coração” (Is 65,17).

A partir dos gemidos dos pobres e da terra, o grupo profético anuncia o sonho (utopia) “Novos céus e nova terra”, um mundo novo de paz, harmonia e vida. A realização do mundo novo, que só será total e definitiva no fim dos tempos, se inicia e cresce desde agora nas condições concretas da vida:

- a) “Aí não haverá mais crianças de peito que vivam alguns dias apenas, nem ancião que não chegue a completar seus dias, pois o jovem morrerá com cem anos, e o pecador só aos cem anos será amaldiçoado” (Is 65,20). O mundo novo terá como meta prioritária a vida e a segurança das pessoas, eliminando a morte prematura e vivendo em plenitude. É uma maldição contra o “pecador” que pratica a injustiça e impede outras pessoas de viverem em plenitude (Is 64,4).
- b) “Construirão casas e nelas habitarão, plantarão vinhas e comerão seus frutos. Não construirão para outro habitar, não plantarão para outro comer, porque a vida do meu povo será longa como a das árvores, meus escolhidos poderão gastar o produto de suas mãos” (Is 65,21-22). Viver de maneira digna e poder usufruir o fruto do seu trabalho será outra exigência concreta do projeto de Deus, para viver na longevidade como a árvore (Jó 14,7). Posteriormente, um sábio reitera o mesmo aspecto como o caminho da vida e da felicidade: “Se Deus concede a um homem riquezas e bens e a capacidade de comer deles, de receber sua porção e desfrutar os seus trabalhos, isso é um dom de Deus” (Ecl 5,18). Na realidade, o “pecador” explora e rouba a porção de outras pessoas, criando a miséria e a desgraça.
- c) “Não se fatigarão inutilmente, não gerarão filhos para a desgraça, porque todos serão a descendência dos abençoados de Javé, juntamente com seus filhos” (Is 65,23). O texto reitera os aspectos anteriores: a necessidade de extinguir a exploração do produto e da força do trabalho para que todas as pessoas possam usufruir plenamente os frutos do seu próprio trabalho, para viverem em plena

paz. É o sonho dos camponeses fiéis ao Deus da vida: “Felizes todos os que temem a Javé e andam em seus caminhos. Do suor dos trabalhos de sua mão você comerá, será feliz e tudo lhe irá bem. Sua esposa será como vinha fértil, na intimidade de sua casa, e seus filhos como galhos de oliveira, ao redor de sua mesa. E que você veja os filhos de seus filhos. Paz sobre Israel!” (Sl 128,1-3.6).

- d) “O lobo e o cordeiro pastarão juntos, o leão comerá capim como o boi, mas o alimento da cobra é o pó da terra” (Is 65,25). A última exigência é criar novas relações com o direito e a justiça: os governantes e poderosos são orientados a sentar-se à mesa e partilhar com os pobres, o que é descrito de maneira simbólica (parábola; cf. Is 11,6-9). Por um lado, as imagens do lobo e do leão eram usadas para representar as autoridades e os poderosos (cf. Ez 19,2-7; 22,25.27); por outro, o boi e o cordeiro representam o povo (Is 40,11). A serpente, que representa um ser hostil (Gn 3,14; Sl 58,5), não aceita a relação de justiça e de paz. O mundo novo exige o compromisso com o uso de poder e riqueza em função da vida de todos.

“Plantarão vinhas e comerão seus frutos”, “a vida do meu povo será longa como a das árvores”, “o lobo e o cordeiro pastarão juntos, o leão comerá capim como o boi”... O sonho-esperança de um mundo novo, “novos céus e nova terra”, nasceu da experiência concreta dos camponeses que vivenciam uma íntima relação com a terra: “De tuas altas moradas vais regando as montanhas, e a terra se farta com os frutos de tuas obras. Fazes brotar o capim para o gado e plantas úteis para o trabalho do homem, para que ele tire o pão da terra” (Sl 104,13-14). Na realidade, porém, os camponeses experimentam e

testemunham a injustiça e a violência dos governantes e poderosos: a existência de políticas opressivas e violentas em função de poder e riqueza, que resultam na morte dos pobres e da criação (Is 56,10-57,1).

A terra, bem como os seres vivos, continua sofrendo com a injustiça e a violência praticadas pelos poderosos injustos e avarentos de hoje e pela apatia cúmplice de grande parte da sociedade: por exemplo, a crise socioambiental, a exploração desenfreada dos patrimônios naturais devido ao lucro mercantilista, a expansão da agricultura predatória, a degradação do solo, o desmatamento, a queima de combustíveis fósseis, a poluição... Várias regiões do mundo enfrentam instabilidade política e violência devido às secas e às mudanças climáticas. No Rio Grande do Sul, em maio de 2024, cerca de 350 municípios foram devastados pelas inundações. Inúmeros desaparecidos e mais de um milhão de pessoas desabrigadas. A recorrência de fenômenos naturais extremos, as inundações, calor e frio excessivos fora de época, trombas d'água, secas e vendavais nos mostram que esse será o “novo normal”, e que, se nada for feito, tenderá a agravar-se cada vez mais até tornar a vida humana impossível no planeta. A crise é grande!

Porém, não podemos ficar paralisados diante dos gemidos da criação inteira. Devemos tomar consciência diante da crise: a crise socioambiental provocada por uma minoria avarenta que afeta a todos, sobretudo os pobres no campo e nas periferias das cidades. É necessário promover a mudança a serviço de um mundo novo. Os promotores de “novos céus e nova terra” são aqueles que captam os gemidos de toda a criação; que não dão espaço à exploração, à violência, à destruição; que não compactuam com a exploração predatória da natureza. É importante aumentar a nossa sensibilidade diante do sofrimento da criação inteira, a obra de Deus. No dia a

dia, que as pessoas ajudem, dentro de suas possibilidades, seus irmãos oprimidos, encurvados e enfraquecidos, a viverem com a dignidade humana: “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26).

QUINTO ENCONTRO



TEMA: Nada nos separará do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo.

PERSONAGENS: Paulo e a comunidade.

TEXTO: Rm 8,31-39.

PALAVRAS-CHAVE: entregou, eleitos, morrer, ressuscitar, intercede, amor, vencedores.

PERSPECTIVA: Reviver a experiência do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, que nos impulsiona a assumir a prática do amor ao próximo em nossa vida.

“Quem nos separará do amor de Cristo?” (8,35).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro do encontro uma Bíblia aberta, uma vela acesa, flores e a corrente feita no primeiro encontro.
- Fazer um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Boas-vindas a todas e a todos. Iniciemos nosso encontro em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. Em nossa vida, de diferentes maneiras, nós experimentamos o amor de Deus manifestado na vida de Jesus de Nazaré. Fortalecidos nesse amor, pedimos à Trindade que nos ajude na missão de comunicar a presença amorosa de Deus no mundo. Com alegria, cantemos (*o grupo pode escolher outro cântico*):

A ti, meu Deus, elevo meu coração, elevo as minhas mãos, meu olhar, minha voz. A ti, meu Deus, eu quero oferecer meus passos e meu viver, meus caminhos, meu sofrer.

A tua ternura, Senhor, vem me abraçar. E a tua bondade infinita me perdoar. Vou ser o teu seguidor e te dar o meu coração, eu quero sentir o calor de tuas mãos.

A ti, meu Deus, que és bom e que tens amor ao pobre e ao sofredor, vou servir e esperar. Em ti, Senhor, humildes se alegrarão, cantando a nova canção, de esperança e de paz.

Dirigente: No encontro anterior, refletimos sobre os gemidos dos pobres e os gemidos da terra, e procuramos renovar nossa esperança na certeza de que o Espírito

de Deus nos conduz na caminhada. Alguém gostaria de partilhar como foi a vivência do gesto concreto? (*Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um cântico sugerido pelo grupo.*)

Dirigente: No encontro de hoje, vamos rezar e contemplar o amor de Deus presente em nossa vida, ajudando-nos a superar as dificuldades que enfrentamos. Vamos dizer, em voz alta, o tema de hoje: *Nada nos separará do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Vivemos em uma sociedade individualista, na qual as pessoas não querem ser incomodadas. Uma das dificuldades é criar consciência do comunitário e não ser indiferente às necessidades de nossos próximos. Faltam em nossas comunidades espaços de escuta e acolhida às pessoas que sofrem e faltam pessoas disponíveis para assumir os diversos serviços comunitários. Por um lado, há dificuldades de achar novas lideranças; por outro, as gerações antigas, muitas vezes, não abrem espaços para as novas. Há muitos preconceitos e normas que afastam as pessoas da comunidade; nem sempre acolhemos as pessoas divorciadas ou em segunda união, nem mesmo a comunidade LGBTQIAP+. Os diversos conflitos de poder que existem em nosso meio, a falta de solidariedade e a insensibilidade de muitos de nós nos afastam de uma vivência plena do amor ao próximo, conforme o evangelho de Jesus Cristo morto e ressuscitado.

Dirigente: Muitas vezes somos apegados demasiadamente às leis e às tradições, deixando pouco espaço para o novo em nossas vidas. Como podemos criar espaços em nossas comunidades para escutar, acolher e ajudar as pessoas que sofrem, para que todos possamos viver plenamente a nossa fé?

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: O amor de Jesus Cristo crucificado, que é a maior manifestação da graça de Deus, o seu amor gratuito em ação, se torna fonte, sustento e marco em cada momento da caminhada de Paulo, ex-fariseu, que foi batizado em Jesus Cristo e assume o caminho de liberdade, igualdade e fraternidade (Gl 3,27-28). Na conversão: “Mas tudo o que para mim era lucro, agora considero como perda, por amor de Cristo” (Fl 3,7-8); na vida cristã: “Fiquemos sóbrios, revestindo a armadura da fé e do amor, e o capacete da esperança da salvação” (1Ts 5,8); na perseguição: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada?” (8,35). O amor de Jesus Cristo é o principal argumento que Paulo usa para encorajar e exaltar a comunidade cristã de Roma, que está “gemendo” de sofrimento, provocado pelos conflitos internos e externos, no mundo injusto e desigual do império romano.

5. Leitura do texto

Dirigente: Peçamos ao Espírito de Deus que abra nossos corações para acolhermos a Palavra de Deus e praticá-la, a fim de vivenciarmos o amor de Cristo em nosso cotidiano. Cantemos:

*Senhor, que a tua Palavra transforme a nossa vida,
queremos caminhar com retidão na tua luz.*

No Senhor está toda graça e salvação. Nele encontramos o amor e o perdão.

Leitora ou leitor 3: (Ler Rm 8,31-39.)

Dirigente: (Para conversar.)

- a) Qual a realidade da comunidade que transparece no texto?
- b) O que significa ser eleitos/eleitas de Deus? Quais as consequências?
- c) Qual a certeza que deve nortear a vida de uma pessoa cristã?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Os desafios em nossa vida diária são muitos, por isso precisamos desenvolver uma espiritualidade que sustente a nossa caminhada. É preciso acreditar que em Cristo nós já somos vencedores. O projeto do Reino de Deus se realiza à medida que cada pessoa e cada comunidade cristã assumem a prática de Jesus Cristo: o amor, a justiça e a solidariedade.

- a) Como podemos aplicar a confiança de que “se Deus é por nós, quem será contra nós” em meio aos desafios sociais e políticos atuais?
- b) Como experimentar e demonstrar o amor de Deus em um mundo marcado por individualismos, sofrimentos, tribulações e adversidades?
- c) Quais são os “inimigos” contemporâneos da fé cristã que precisamos enfrentar com a certeza do amor de Cristo?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Podemos pegar a corrente de papel e lembrar do nosso compromisso cristão. Temos a certeza de que Deus nos ama e nos acompanha no dia a dia. As dificuldades e desafios não devem nos desanimar, pois o Espírito de Deus, presente na vida em comunidade,

nos ilumina e nos protege. Rezemos a oração que o próprio Cristo nos ensinou:

Todas/os: Pai nosso...

8. Bênção final

Dirigente: Vamos abençoar os alimentos que trouxemos para partilhar, fortalecendo assim nossa fraternidade. Podemos rezar juntas e juntos a bênção que está em Nm 6,24-26: *“Javé o abençoe e o guarde! Javé lhe mostre o seu rosto brilhante e tenha piedade de você! Javé lhe mostre seu rosto e lhe conceda a paz!”*

Todas/os: Amém.

Orientações para o quinto encontro

Situando o texto: *O amor de Deus manifestado em Cristo Jesus*

O povo de Israel canta e louva o amor de Deus que se manifesta ao longo da história, fazendo o povo libertar-se de todas as opressões:

Celebrem a Javé, porque ele é bom, porque eterno é o seu amor! A casa de Israel agora diga: eterno é o seu amor! A casa de Aarão agora diga: eterno é o seu amor! Os que temem a Javé agora digam: eterno é o seu amor! No perigo, clamei a Javé, e Javé me respondeu com generosidade. Javé está comigo: jamais temerei! O que um homem me poderia fazer? Javé está comigo, ele é meu socorro, e enfrentarei os meus inimigos (Sl 118,1-7).

O povo canta a certeza da vitória do amor e da força de Deus sobre todos os perigos. Até no tempo da guerra e do exílio na Babilônia, maior catástrofe nacional, na qual

o povo foi saqueado e levado como “ovelhas destinadas ao matadouro” (8,36; Is 53,7; Sl 44,23), o povo continua confiando em seu Deus, que não retira seu amor, mas irá agir e libertar o povo: “Ah, Javé, por favor, salva-nos! Ah, Javé, por favor, liberta-nos!” (Sl 118,25).

No Novo Testamento, o povo de Deus continua confiando no amor de Deus. “Quem nos separará do amor de Deus, manifestado em Cristo Jesus?”, exalta Paulo, por exemplo. A vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo é a maior manifestação da graça de Deus, o seu amor gratuito em ação, para nos libertar do caminho do instinto egoísta, individualista (o espírito do mal, o pecado), da injustiça, da violência, da destruição e da morte: “Deus demonstrou seu amor por nós, pois Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores” (5,8).

Jesus Cristo, filho de Deus, assumiu a condição humana, lutou pela vida, por amor e por fidelidade à causa da justiça, morreu na cruz e foi ressuscitado para a “vida nova”, para nos ensinar o caminho do amor, da justiça, da fraternidade, da paz e do mundo novo, ao contrário do caminho do pecado: “Vocês não sabem que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte? Por meio do batismo na sua morte, fomos sepultados junto com ele, para que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova. Sabemos que nosso velho eu foi crucificado com ele [Cristo crucificado], para que fosse destruído este corpo de pecado, e assim não mais sirvamos ao pecado” (6,3-4.6).

O amor de Jesus Cristo crucificado, “escândalo para os judeus, loucura para as nações” (1Cor 1,23), torna-se a fonte, o sustento e o marco em cada momento da caminhada de Paulo, ex-fariseu, que foi batizado em Jesus Cristo e assumiu o caminho de liberdade, igualdade e fraternidade (Gl 3,27-28):

- a) Na conversão: “Quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que há na Lei, sem reprovação. Mas tudo o que para mim era lucro, agora considero como perda, por amor de Cristo. Por causa dele perdi tudo, e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo e ser encontrado nele. E isso, não tenho mais como justiça minha aquela que vem da Lei, mas aquela que vem de Deus e se baseia na fé” (Fl 3,5b-7.8b-9). A experiência do amor de Cristo em contato com a vida dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo perseguidos fez Saulo, um fariseu e perseguidor, descobrir que o Jesus crucificado havia sido ressuscitado por Deus, transformando sua maneira de entender a Lei, passando a ver tudo com os olhos e as palavras de Jesus. Para os fariseus, a salvação e a justiça dependem da observância da Lei (circuncisão, leis alimentares etc.). Porém, Paulo declara que a salvação e a justiça se realizam pela fé ativa no amor de Jesus Cristo, a manifestação do amor gratuito de Deus.
- b) Na vida cristã: “Nós, que somos do dia, fiquemos sóbrios, revestindo a armadura da fé e do amor, e o capacete da esperança da salvação. Pois Deus não nos destinou para a ira, e sim para possuírmos a salvação por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 5,8-9). Os cristãos, que lutam em favor da vida, devem combater a força e as estruturas que produzem a morte. Lutam com a arma da fé que aprofunda o caminho da justiça, da verdade e da vida; com a arma do amor que produz relações humanas e fraternas; com a esperança que abre passagem para o futuro do Reino de Deus. No dizer de Paulo: “Agora permanecem a fé, a

esperança e o amor, essas três coisas. A maior delas é o amor” (1Cor 13,13). A prática do amor de Jesus Cristo acima de tudo, na vida cristã!

- c) Na perseguição: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada?” (8,35). Paulo vive um judaísmo baseado no amor de Jesus Cristo, se deixa guiar pelo Espírito (a palavra e a prática de Jesus), promovendo a missão e dando testemunho, o que provoca conflitos com judeus tradicionais e fariseus, perseguições e sofrimento (cf. 2Cor 11,1-33). No sofrimento, o que sustenta e anima Paulo é o amor de Jesus Cristo: “E já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim. E a vida que vivo agora na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20).

“A fé no Filho de Deus que me amou”... O amor de Jesus Cristo, experimentado no dia a dia da vida de quem o segue, faz Paulo viver e dar testemunho do amor de Cristo, a sua paixão, a morte e a ressurreição, até chegar a afirmar: Jesus Cristo se entregou a si mesmo por mim. O amor gratuito de Jesus Cristo é um argumento que Paulo usa para encorajar e exaltar a comunidade de Roma, que está “gemendo” de sofrimento, provocado pelos conflitos internos e externos, no mundo injusto e desigual do império romano.

Comentando o texto: *Rm 8,31-39 – Hino de amor, resistência, esperança, louvor*

Romanos 8, situado no meio da carta, descreve a condição sofrida dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo (cristãos) sob o poderio do Império. Viver no Espírito (amor

e vida) de Jesus Cristo crucificado acarreta uma luta constante do cristão contra as forças do mal (instintos egoístas, pecado, carne) que tentam sufocar o projeto de Deus (8,28). O cristão luta e sofre com toda exploração e opressão que escravizam seus corpos: “Gememos inteiramente, esperando ansiosos a redenção do nosso corpo” (8,23).

A vida no Espírito, o sofrimento, os gemidos, o Espírito, a esperança... Nessa caminhada, Paulo, que já confirma a vitória da “lei do Espírito da vida em Cristo Jesus sobre o pecado e a morte” em Rm 8,1-2, apresenta agora o hino do amor de Deus, ou seja, o hino de louvor dos crucificados que vivem confiantes no amor de Deus e no amor de Jesus Cristo. Descreve o hino do amor, formulado por perguntas retóricas, para exortar as comunidades: nada nos poderá separar do amor do Pai e do Filho e impedir o projeto de Deus. Por isso, o cristão nada mais tem a temer.

A primeira pergunta e resposta como introdução: “Então o que diremos sobre isso? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Ele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos agraciará em tudo junto com ele?” (8,31-32). Para mostrar o caminho da libertação, Deus nos enviou seu Filho, que assumiu a condição humana, lutou pela vida, morreu por amor na cruz e foi ressuscitado para a “vida nova”. O Jesus Cristo crucificado é a maior manifestação do amor de Deus pela humanidade (5,8; cf. Jo 3,16-17; 1Cor 1,17-25; Is 52,12-53,13). Com o amor de Deus, manifestado em seu Filho, quem tem a fé ativa em Jesus Cristo nada mais tem a temer.

A segunda pergunta e resposta: “Quem acusará os eleitos de Deus? O mesmo Deus que justifica?” (8,33). Quem tem a fé ativa em Jesus Cristo é justificado por Deus, ou seja, está com Deus e não será acusado nem condenado. No dizer do Segundo Isaías que salienta a missão do Servo, fiel a Deus: “A meu lado está aquele

que me defende. Quem vai demandar contra mim? Vamos juntos ao tribunal! Quem abriu um processo contra mim? Que venha me enfrentar! Vejam! O Senhor Javé me auxilia: quem vai me condenar?” (Is 50,8-9). Se o cristão tem do seu lado o Pai e o Filho, será protegido e salvo.

A terceira pergunta e resposta: “Quem condenará? Cristo Jesus, ele que morreu, ou melhor, que ressuscitou, que está à direita de Deus e intercede por nós?” (8,34). Paulo exalta Cristo Jesus sentado à direita de Deus, como Juiz sobre toda a terra, segundo Sl 110,1: “Oráculo de Javé ao meu senhor: ‘Sente-se à minha direita, até que eu faça dos seus inimigos um suporte para seus pés’” (Sl 110,1; cf. Ef 1,20; Cl 3,1; Hb 1,3; 1Pd 3,22). Não é possível que Jesus Cristo não interceda por quem tenha a fé ativa em seu evangelho, lutando contra as forças do mal. A intercessão de Jesus Cristo se realiza por seu Espírito, que intercede junto a Deus em favor dos santos (“eleitos”; 8,27; cf. Hb 7,25).

A quarta pergunta e resposta: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? Assim está escrito: ‘Por tua causa somos postos à morte o dia todo. Somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro’. Mas em todas essas coisas somos bem mais que vencedores, graças àquele que nos amou” (8,35-37). Através de sua experiência missionária, Paulo apresenta uma série de obstáculos que o cristão enfrenta para viver o projeto de Deus segundo o evangelho de Jesus Cristo: a tribulação, a angústia e a perseguição nas viagens; a fome e a nudez na prisão; o perigo e a espada como o sinal da morte iminente (2Cor 11,22-33).

Anunciar e viver o evangelho de Jesus Cristo provoca o sofrimento e a morte, como a paixão e a morte do Servo, vítima de injustiça e exploração e protótipo de Jesus morto: “Oprimido, ele se humilhou, não abriu a boca. Como cordeiro levado ao matadouro” (Is 53,7). Porém,

quem vive o projeto de Deus nada mais tem a temer. Porque o amor de Deus, que em Cristo morto e ressuscitado, vence as forças injustas e hostis ao projeto de Deus. Os cristãos com a fé ativa no evangelho de Jesus Cristo são os “vencedores, graças àquele que nos amou”.

Após as perguntas retóricas, Paulo conclui o canto de louvor dos crucificados, salientando a certeza de que o amor do Pai e do Filho está com o cristão diante das forças hostis: “Pois estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor” (8,38-39).

Na conclusão do canto de louvor, Paulo detalha as forças hostis a Deus: “principados”. No dizer do autor da carta aos Efésios que descreve o poder de Deus sobre as forças hostis: “Poder que ele [o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo] fez agir em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o assentar-se à sua direita nos céus, acima de todo principado, autoridade, poder, soberania e qualquer outro nome que se possa nomear, não só neste mundo, mas também no mundo que há de vir. Ele colocou tudo debaixo dos pés de Cristo” (Ef 1,20-22a; cf. 1Pd 3,22).

Segundo a concepção do universo daquele tempo, a carta aos Efésios descreve o enfrentamento contra o mal ou o diabo, que tem sua sede nas esferas celestes, se opõe ao projeto de Deus e ameaça dominar o mundo, o homem e a história através dos principados, das autoridades e dos dominadores deste mundo (Ef 6,11-12). Com a mesma concepção, Paulo descreve a luta do cristão contra os principados do Império que tentam sufocar o projeto do Deus de Jesus Cristo, oprimindo e perseguindo seus fiéis. O cristão está em pleno campo de batalha, gemendo e esperando pela libertação como parto do mundo novo.

Nos gemidos de quem vive o projeto de Deus no mundo dos principados, Paulo descreve o hino de louvor dos crucificados, exortando os fiéis: nada poderá nos separar do amor do Pai que está presente em Jesus Cristo morto e ressuscitado; nada poderá impedir o testemunho dos cristãos; nada poderá opor-se à plena realização do projeto de Deus. Hoje, como ontem, como o cristão poderá cantar e exercer o hino de louvor dos crucificados de hoje? Como poderá cultivar a consciência e alimentar a atitude de vitorioso diante das forças do mal: “Mas em todas essas coisas somos bem mais que vencedores, graças àquele que nos amou” (8,37). O amor vence a morte e renova a vida para sempre!

Aprofundando: *O amor de Cristo encarnado nas relações humanas, solidárias e fraternas*

Paulo saúda várias pessoas conhecidas na comunidade:

Saúdem Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que arriscaram a própria cabeça para salvar a minha vida. Não somente eu sou grato a eles, mas também todas as igrejas das nações. Saúdem também a igreja que se reúne na casa deles. Saúdem meu querido Epêneto, o primeiro fruto da Ásia para Cristo. Saúdem Maria, que tanto trabalhou por vocês. Saúdem Andrônico e Júnio, meus parentes e companheiros de prisão, que são bem conhecidos entre os apóstolos e me precederam na fé em Cristo. Saúdem Ampliato, meu caríssimo amigo no Senhor (16,3-8).

Mais da metade das pessoas citadas nas saudações finais de Rm 16,1-16 recebe de Paulo uma qualificação amorosa de reconhecimento pelo que fizeram. Priscila e Áquila são seus “colaboradores”, sinal de que Paulo

dialogou, conviveu e fortaleceu a amizade com o casal a ponto de levá-los para o trabalho missionário em Éfeso (At 18,18-28). Paulo trata Epêneto com afeto, chamando-o de “querido” e Amplíato, chamando-o de “meu caríssimo amigo”. Andrônico e Júnias são chamados de “parentes”.

A natureza do trabalho missionário de Paulo é, sem dúvida, moldada pelo relacionamento afetivo e familiar com os colaboradores, as comunidades e seus membros. Todas as cartas paulinas, que sintetizam suas ideias e orientações pastorais no acompanhamento das comunidades, demonstram amor, afeto e ternura de Paulo como pai e mãe de família:

- a) *Tito*: Ele, gentio, entra em cena pela primeira vez, acompanhando Paulo em sua viagem a Jerusalém, para apresentar à Igreja mãe suas opiniões sobre os convertidos (Gl 2,1-3). Como discípulo e colaborador, Tito foi enviado por Paulo duas vezes à cidade de Corinto para exercer missões delicadas e importantes (2Cor 8,23). O apego de Paulo a Tito transparece bem em sua alegria de encontrá-lo na Macedônia: “Deus, que dá coragem aos que estão abatidos, encorajou-nos com a chegada de Tito” (2Cor 7,6).
- b) *Timóteo*: Ele, de mãe judia e de pai grego, natural de listra, na Licaônia, Ásia Menor (At 16,1-3), é o colaborador mais próximo de todos, desde a segunda viagem missionária de Paulo. Timóteo foi enviado por Paulo para as comunidades de Tessalônica e Filipos (1Ts 3,1-3; Fl 2,19). Uma das mensagens quanto ao envio de Timóteo para Corinto mostra que ele foi um dos ajudantes e colaboradores mais amados, íntimos e fiéis a Paulo: “Foi por isso que enviei até vocês Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor: Ele lhes

recordará minhas normas de vida em Cristo Jesus, tal como eu as ensino em toda parte, em todas as igrejas” (1Cor 4,17).

- c) *Onésimo e Filêmon*: Paulo escreve uma carta para o patrão Filêmon, membro da comunidade de Colossas (Cl 4,9.17), para que ele receba Onésimo, seu escravo fugitivo, como irmão e não mais como escravo (Fm 16). “Por isso, ainda que eu tenha em Cristo total liberdade para lhe ordenar o que você deve fazer, prefiro pedir por amor [ágape]. Sou eu, Paulo, velho e agora prisioneiro, que lhe peço em favor de Onésimo, meu filho que gerei nas prisões” (Fm 8-10), pede Paulo. A carta descreve a relação humana e fraterna de Paulo com Onésimo: “meu filho que gerei”. Ao pedir com amor, Paulo tenta estabelecer a relação fraterna, movida pelo amor-caridade, com Filêmon.
- d) *A comunidade de Tessalônica*: Paulo descreve sua ação missionária entre os tessalonicenses sob a perseguição: “Nós nos comportamos entre vocês com toda a bondade, qual mãe acariciando os filhos. Tínhamos tanto carinho por vocês, que estávamos dispostos a dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida, tão amados vocês se tornaram para nós” (1Ts 2,7b-8). A mensagem confirma que Paulo mantém a relação de afeto com a comunidade, descrita como o amor maternal e paternal, mesmo correndo risco de morte: “Mãe acariciando os filhos”.
- e) *A comunidade de Filipos*: “De fato, Deus é testemunha de quanto amo a todos vocês com a ternura de Cristo Jesus. E é isto que peço: que o amor de vocês cresça mais e mais, em conhecimento e em todo tipo de discernimento” (Fl 1,8-9),

escreve Paulo com afeto e carinho. A comunidade de Filipos, a Igreja primogênita na Europa, que começou com um pequeno grupo de mulheres, sempre permaneceu no coração de Paulo com muita ternura.

- f) *A comunidade de Corinto*: Paulo cultiva relação de afeto com a comunidade: “Não lhes escrevo essas coisas para envergonhá-los, mas para chamar a atenção de vocês, como filhos amados. Porque, ainda que vocês tivessem dez mil pedagogos em Cristo, não teriam muitos pais, pois fui eu que gerei vocês pelo evangelho em Cristo Jesus” (1Cor 4,14-15). Como na primeira carta aos Tessalonicenses, Paulo se compara a uma mãe que amamenta (1Cor 3,2), e também a um pai que educa e chama a atenção de seus filhos amados. Com laço maternal e paternal, ele ama e não mede esforços em vista do bem de suas comunidades amadas.

Nos gemidos de quem prega o evangelho de Jesus Cristo crucificado e luta pelo projeto de Deus, Paulo exprime: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada?” (8,35). Como quem vive o amor de Jesus Cristo (8,10-11), Paulo possui a certeza de que o amor traduzido na sensibilidade, na solidariedade e na fraternidade sustenta a vida nas horas de dificuldade, angústia, sofrimento e morte, e anima a caminhada rumo ao querer do Deus do amor.

Como no mundo de Paulo, muitos de nossos irmãos e irmãs continuam oprimidos, sofrendo com as forças do mal. O império de hoje continua devorando os corpos dos pequenos, que são explorados, até mesmo em nome da religião e da fé. Observam-se também os movimentos

das pessoas que não compactuam com a injustiça, a exploração e a violência, que levantam e caminham rumo à realização do projeto de Deus, movidas por fé, amor e esperança. Que aumente em nós, sempre mais, o amor de Jesus Cristo crucificado, para que vivamos na esperança da realização definitiva do Reino de Deus, que já é antecipado no mundo da justiça, da fraternidade e da paz!

BIBLIOGRAFIA

- ACHTEMEIER, Paul. *Romans*. (Interpretation, a Bible Commentary for Teaching e Preaching). Louisville: John Knox Press, 2010.
- AMARAL DE FIGUEIREDO, T. J.; CATENASSI, F. Z. (orgs). *Paulo: contextos e leituras*. São Paulo: Paulinas; São Paulo: ABIB, 2018.
- BORTOLINI, José. *Como ler a carta aos Romanos: o Evangelho é a força de Deus que salva*. São Paulo: Paulus, 1997.
- CRANFIELD, C. E. B. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- CROSSAN, J. D.; REED, J. L. *Em Busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DUNN, James D. G. *Romans 1-8* (Word Biblical Commentary, v. 38A). Dallas: Word Books, 1988.
- DUNN, James D. G. *Romans 9-16* (Word Biblical Commentary, v.38B). Dallas: Word Books, 1988.
- DUNN, James D. G. *Jesus, Paulo e os Evangelhos*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GIL ARBIOL, Carlos J. *Paulo na origem do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- HEYER, C. J. *Paulo: um homem de dois mundos*. São Paulo: Paulus, 2008.
- HORSLEY, Richard A. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.
- MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo de Tarso: história de um apóstolo*. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2008.

- OLIVEIRA, Samuel Brandão de. *O novo Êxodo de Isaías em Romanos*: estudo exegético e teológico. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020.
- PENNA, Romano. *As primeiras comunidades cristãs*: pessoas, tempos, lugares, formas e crenças. Petrópolis: Vozes, 2020.
- PITTA, Antonio. *Cartas paulinas*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- TAMEZ, Elsa. *Contra toda condenação*: a justificação pela fé, partindo dos excluídos. São Paulo: Paulus, 1995.
- WRIGHT, N. T. *The letter to the Romans* (The New Interpreter's Bible, volume X includes book-length, detailed interpretations of Acts, Romans, and 1 Corinthians). Nashville: Abingdon Press, 2002.

ÍNDICE

5	Agradecimentos
7	Apresentação
9	Introdução à carta aos Romanos
12	Conhecendo a comunidade cristã de Roma
14	Conhecendo as mensagens teológico-pastorais da carta
17	Uma proposta de leitura da carta aos Romanos
19	Lembretes para as reuniões
21	Primeiro encontro: O evangelho de Jesus Cristo morto e ressuscitado
27	Orientações para o primeiro encontro
27	Situando o texto: <i>O evangelho de Jesus Cristo morto e ressuscitado</i>
31	Comentando o texto: <i>Rm 1,8-17 – Eu não me envergonho do evangelho de Jesus Cristo</i>
35	Aprofundando: <i>Paulo, sua missão, força espiritual e estratégia pastoral</i>
41	Segundo encontro: O amor e a vida fraterna dentro e fora da comunidade cristã
46	Orientações para o segundo encontro
46	Situando o texto: <i>O espírito egoísta e ganancioso na vida cristã</i>
50	Comentando o texto: <i>Rm 12,3-21 – A vida cristã dentro e fora da comunidade</i>
56	Aprofundando: <i>Fé, amor e esperança, princípios da vida cristã</i>

61	Terceiro encontro: A autoridade a serviço do Deus da vida
66	Orientações para o terceiro encontro
66	Situando o texto: <i>O poder é dado por Deus a serviço da justiça</i>
70	Comentando o texto: <i>Rm 13,1-7 – O poder a serviço do bem comum</i>
74	Aprofundando: <i>Jesus de Nazaré e as autoridades do seu tempo</i>
81	Quarto encontro: Os gemidos, o Espírito, a esperança e o mundo novo
87	Orientações para o quarto encontro
87	Situando o texto: <i>Gemidos dos pobres e gemido da terra</i>
91	Comentando o texto: <i>Rm 8,18-27 – Os gemidos, o Espírito e a esperança</i>
95	Aprofundando: <i>“Novos céus e nova terra” nascem dos gemidos de toda a criatura</i>
103	Quinto encontro: Nada nos separará do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo
108	Orientações para o quinto encontro
108	Situando o texto: <i>O amor de Deus manifestado em Cristo Jesus</i>
111	Comentando o texto: <i>Rm 8,31-39 – Hino de amor, resistência, esperança, louvor</i>
115	Aprofundando: <i>O amor de Cristo encarnado nas relações humanas, solidárias e fraternas</i>
121	Bibliografia

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de trinta anos está a serviço da pastoral bíblica junto com o povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia.

Cursos intensivos e extensivos (presenciais e *on-line*)

O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades: Introdução ao Primeiro e Segundo Testamentos; Aprofundamento; Espiritualidade Bíblica; Tema do Mês da Bíblia; Hebraico e Grego etc.

Serviços às igrejas locais e outras entidades

A equipe do Centro Bíblico Verbo presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Produção

O Centro Bíblico Verbo prepara subsídios para o Mês da Bíblia: livro; “Bíblia Gente” (Site); vídeo (YouTube); artigo (blog e site) etc.

Mais informações:

Tel.: (11) 5187-1008

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br

facebook.com/cbiblicoverbo

No mundo injusto e desigual do império romano (os gemidos da criação; Rm 8,20), Paulo prega o evangelho de Jesus Cristo como a força salvadora de Deus (Rm 1,16). Pois a salvação de Deus se realiza pela fé ativa no amor e na justiça de Jesus, e não pelo poderio do Império nem pelas obras da Lei do judaísmo legalista. Quem vive no Espírito de Jesus Cristo, de ontem e de hoje, canta a esperança da libertação e da vida como parto do mundo novo: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (Rm 8,35).



ISBN 978-85-349-5675-8



PAULUS.COM.BR